



O COMUNISMO REVOLUCIONÁRIO

JORNAL INTERNACIONAL DA RCIT

UM MUNDO - UMA LUTA - UMA REVOLUÇÃO



www.thecommunists.net

Edição N°1

Janeiro 2016

Parar a Contra-Revolução na América-Latina!

- * Carta aberta a todos os revolucionários
- * Revolução no Mundo Árabe
- * Grandes Potências e Revolução Síria
- * O Ataque Terrorista em Paris
- * Defender Yemen contra Arábia Saudita!
- * Europa e Refugiados

Preço: R\$ 4,00,-

Jornal em Português da Corrente Comunista Revolucionária Internacional (CCRI), N°1, Janeiro 2016

Carta aberta a todas as organizações Revolucionária e ativistas Revolucionários	p.3
Não ao impeachment! Não ao chamado de novas eleições!	p.8
Todos às ruas dia 20 de agosto contra as medidas de ataque do governo Dilma e ao mesmo tempo contra o golpe fascista!	p.10
Argentina: Preparar para a Resistência Popular dos trabalhadores e das massas contra a nova Administração sob o governo de Macri!	p.12
As grandes Potências têm o objetivo de Liquidar a Revolução Síria!	p.15
A contra-revolução imperialista ameaça a Síria!	p.18
Defender a Revolução Síria contra o Imperialismo Russo!	p.21
Defender Yemen contra a gangue de agressores de Al-Saud!	p.23
Revolução e Contra-Revolução no Mundo Árabe	p.26
O Ataque Terrorista em Paris é o resultado do terror imperialista no Oriente Médio!	p.32
Abrir os Portões da Europa aos Refugiados!	p.34
SOMENTE A REVOLUÇÃO VAI NOS LIBERAR!	p.37
O que o RCIT defende	p.38

Publicado pela *Corrente Comunista Revolucionária Internacional* (CCRI, em inglês RCIT). O CCRI possui seções e ativistas no Paquistão, Sri Lanka, Brasil, Israel/Palestina Ocupada, Iêmen, Tunísia, Grã-Bretanha, Estados Unidos, Alemanha e Austria.

Corrente Comunista Revolucionário Internacional (CCRI)
www.thecommunists.net - rcit@thecommunists.net - +43 (0)650 406 83 14
Füchselhofgasse 6, 1120 Vienna, Austria

No Início de uma Nova Fase Política: Pela Unidade dos Revolucionários na Luta Contra o avanço da contra-revolução!

Carta aberta a todas as organizações Revolucionária e ativistas Revolucionários

Publicado pela Corrente Comunista Revolucionária Internacional (CCRI, em inglês-RCIT), 29/12/2015

Enquanto a crise do capitalismo está se aprofundando e provocando mais e mais miséria e guerras, a classe operária e os oprimidos estão politicamente desorientados por suas lideranças populistas e reformista. A paralisia política resultante cria um tremendo perigo para as massas populares, que são confrontados com uma nova fase política da ofensiva contra-revolucionária da burguesia. Em tal situação é de extrema urgência para os revolucionários em avançar a luta por um novo Partido Mundial da Revolução Socialista e, portanto, como um primeiro passo, para procurar a unidade com base em um acordo sobre as tarefas cruciais programáticas e organizacionais da luta de classes de hoje.

A situação atual do mundo não pode ser entendida fora do contexto do período histórico mundial que abriu com a Grande Recessão em 2008. Este período de longo prazo é caracterizado pela queda da taxa de lucro e da decadência capitalista. Neste contexto, a burguesia de todo o mundo tem menos espaço de manobra para dar quaisquer concessões à trabalhadora.

Como resultado, os capitalistas são obrigados a acelerar seus ataques contra a classe trabalhadora e contra as massas populares como exemplificado pelos inúmeros programas de austeridade e privatizações na Grécia, Portugal, Espanha, Brasil, África do Sul, etc., bem como os ataques aos direitos dos trabalhadores como podemos ver por exemplo, na China, Coreia do Sul, Camboja ou Vietnã.

Pela mesma razão, os monopólios imperialistas estão a aumentar a super-exploração dos países semi-coloniais (o chamado "Terceiro Mundo"), resultando em bárbaros programas do FMI, os programas de reembolso da dívida, a grilagem de terras e aumento da pobreza como vemos na África, América Latina, Índia, Paquistão, assim como em muitos outros países. Além disso, as grandes potências e seus lacaios estão cada vez mais o envio de tropas, navios de guerra e força aérea para expandir sua influência no sul do país (por exemplo, Otan no Afeganistão, Síria e Iraque, a intervenção russa na Síria, intervenção francesa no Mali e CAR--República Centro-Africana, as tropas chinesas no Sudão do Sul, a *Missão da União Africana* na Somália etc.).

Da mesma forma, a decadência do sistema capitalista está a intensificar a rivalidade entre as grandes potências imperialistas (EUA, UE, Japão, China e Rússia). Daí, vemos um número crescente de conflitos entre as grandes potências sobre esferas de influência (por exemplo, na Ucrânia, na Síria ou no Leste da Ásia). Outros exemplos dessa rivalidade são os vários projetos do imperialismo dos EUA (por exemplo, os acordos de comércio TTP e TTIP), bem como dos novos imperialistas do Oriente (China e Rússia), que estão a desafiar a hegemonia dos velhos imperialistas ocidentais (por exemplo, o canal de Nicarágua, as Novos Bancos de desenvolvimento, a disseminação do comércio realizado em Yuan e Rublo, etc.).

O resultado desta aceleração de contradições do sistema capitalista mundial é um aumento do número de lutas de classes, revoltas populares, ofensivas reacionárias contra-revolucionárias, golpes de Estado e guerras. A revolução árabe que começou em dezembro de 2010 é um bom exemplo para isso: a classe trabalhadora e os pobres varreram brutais ditadores como Ben Ali, Kaddafi, Mubarak e Saleh. Mas a partir do momento que as lideranças liberais e islâmicas não poderiam oferecer uma perspectiva, a Revolução também sofreu derrotas terríveis como o esmagamento dos protestos democráticos no Bahrein, o golpe de Estado do general Sisi no Egito ou o retorno da velha guarda de Ben Ali na Tunísia. Na Líbia as grandes potências apoiam as forças reacionárias ao redor de General Haftar e tentam forçar o governo burguês-islâmico em Trípoli a capitular. No Iêmen, as forças sauditas com seu fantoche Hadi invadiram o país, a fim de destruir a Revolução iemenita.

Na Síria a luta de libertação revolucionária continua, mas está enfrentando enormes ameaças. A ditadura assassina de Bashar al-Assad - com o total apoio do imperialismo russo, bem como do Irã - está continuando a guerra maciça de destruição contra o seu próprio povo. Ao mesmo tempo, a revolução síria está ameaçada pela subida do *Daesh* contra-revolucionário (o chamado "Estado islâmico"). Por último, mas não menos importante, todas as grandes potências estão unidas em sua determinação de liquidar a revolução síria, uma vez que temem tanto a desestabilização da ordem imperialista em toda a região, bem como ondas crescentes de refugiados que vêm para a Europa.

A ondas de lutas populares na América Latina na última década formaram o pano de fundo para a eleição de um certo número governos populistas burgueses e governos de frente popular (por exemplo Rouseff no Brasil, Chavez / Maduro na Venezuela, Morales na Bolívia, Correa no Equador, e Kirchners na Argentina). Esses governos - dominados por um setor da burguesia e governando pelos interesses da burguesia, mas também tendo como base de apoio os trabalhadores e organizações populares - puderam oferecer algumas concessões às massas populares, a partir do momento em que eles experimentaram uma certa retomada econômica com base em sua intensificação de empréstimos comerciais e estrangeiros e dos investimentos por parte da China imperialista. No entanto, com a desaceleração da economia da China e os esforços de intensificação do imperialismo dos EUA para recuperar a hegemonia no seu "quintal", o modelo burguês-reformista do Castro-chavismo está esgotado e tem desiludido as massas.

Grécia, uma semi-colônia moderna no Sul da Europa, é o exemplo mais proeminente da pressão brutal que os países europeus mais pobres estão sofrendo pela UE e pelos monopólios imperialistas. No entanto, a Grécia tem

sido também a vanguarda da luta de classes Europeia nos últimos anos, com até 40 greves gerais. Como resultado, o partido SYRIZA de esquerda reformista foi eleito para o governo em janeiro de 2015. No entanto, fiel à sua natureza como um partido operário burguês, abertamente traiu a classe trabalhadora com a da formação de uma frente popular com o racista partido ANEL de extrema-direita e por ter capitulado aos programas de austeridade impostos pela UE, apesar da tremenda vitória para o OXI (“Não”) no referendo em 5 de julho.

As contradições de aceleração do capitalismo estão provocando a luta de classes, bem como os ataques da burguesia em todas as partes do mundo. Na China - um país capitalista, que se tornou o lar do maior número de bilionários em todo o mundo, bem como do segundo maior número de empresas multinacionais - os trabalhadores e os pobres rurais estão ganhando confiança para expressar sua repulsa contra os capitalistas, os gerentes e os burocratas. De acordo com o *China Labour Bulletin*, baseada em Hong Kong, o número relatado de greves e protestos no país dobrou a cada ano desde 2011. Da mesma forma, a Índia viu em 02 de setembro de 2015 uma da maior greve geral em sua história com 150 milhões de pessoas participando. No Paquistão também, os trabalhadores continuam a resistir aos patrões e aos planos de privatização governamentais, como exemplificado pelos trabalhadores de energia. Na Tailândia, os operários e camponeses pobres ainda estão sofrendo com a grave derrota de maio 2014, quando os militares lançaram um reacionário golpe de Estado para derrubar o governo burguês-populista do governo do primeiro-ministro Yingluck Shinawatra.

Na África do Sul a classe trabalhadora e a juventude continuaram a lutar contra o governo de Frente Popular do ANC de Jacob Zuma apesar do massacre ultrajante em Marikana em agosto de 2012. O rompimento da federação sindical COSATU de seu único grande sindicato NUMSA foi um passo correto para o avanço, assim como as últimas tentativas para formar um movimento político. Apesar de suas deficiências reformistas, este projeto esperançosamente leva a conduzir à formação de um novo partido de trabalhadores. Da mesma forma, os protestos em massa dos trabalhadores e pobres no Burundi contra seu a longo tempo ditador Pierre Nkurunziza demonstraram que as massas africanas não estão dispostas a sucumbir aos seus ditadores reacionários e lacaios do imperialismo.

No entanto, apesar de suas lutas heroicas a classe trabalhadora e os oprimidos não têm sido capazes de parar de programas de austeridade da burguesia, a ofensivo anti-democrático e a guerra imperialista. Pior, em um número de países a classe dominante lançou ofensivas contra-revolucionárias.

No Oriente Médio e Norte da África as grandes potências e os seus lacaios locais tentam estrangular a revolução árabe via apoiando velhas e novas ditaduras, bem como por intervenções militares estrangeiras.

Na América Latina, importantes setores da burguesia lançaram uma ofensiva contra-revolucionária, a fim de depor os governos de Frente Popular. Eles derrotaram o governo Kirchnerista na Argentina, enfraqueceram substancialmente o governo Maduro em Venezuela e tentam fazer o impeachment de Dilma Rousseff no Brasil.

Na Europa a classe dominante está encorajando o chauvinismo contra os migrantes - particularmente de

origem muçulmana - e já começou um processo sistemático de militarização e repressão doméstica. O presidente francês, Hollande declarou estado de emergência de três meses (com o apoio do ex-stalinista PCF e a Frente de Esquerda!), maciçamente estendeu o poder legal do aparelho estatal repressivo e acelerou a intervenção militar imperialista na Síria. Grã-Bretanha e Alemanha seguiram rapidamente com a mesma medida. As classes dirigentes da UE imperialista temem a massa de refugiados que vêm para a Europa (cerca de um milhão em 2015) e tentam fazer com que as pessoas esqueçam que eles apenas estão enfrentando as consequências de sua bárbara ordem mundial!

Todos estes acontecimentos marcam o início de uma nova fase política: uma fase temporária caracterizada pela ofensiva contra-revolucionária mundial da classe dominante que leva a mais programas de austeridade, repressão doméstica e guerras imperialistas e que irá provocar a resistência de massas da classe trabalhadora e dos oprimidos.

Infelizmente, a classe trabalhadora e os oprimidos sofrem as consequências de uma falta de liderança revolucionária. A sua resistência é impedida pela natureza reformista, populista e burocrática de suas lideranças. Os líderes oficiais dos sindicatos e organizações populares, dos partidos reformistas e burgueses e pequeno-burgueses populistas (por exemplo, as Castro-chavistas, Kirchneristas, e o PT de Rousseff e de Lula na América Latina, SYRIZA na Grécia e outros social-democratas na Europa, os stalinistas na Índia ou os maoístas no Nepal), bem como das várias vertentes do islamismo (por exemplo, a Irmandade Muçulmana, vários grupos rebeldes na Síria ou os houthis no Iêmen) - todos eles falharam em oferecer os trabalhadores e as massas populares caminho fora de miséria capitalista e da humilhação. A sua natureza política - independentemente das suas “radicais” proclamações oficiais - é manter-se ou tornar-se parte do aparelho de Estado da classe dominante capitalista. Não é, portanto, surpreendente que muitas vezes eles têm sido, ou aspiram a tornar-se, um aliado de uma ou várias grandes potências imperialistas.

Os centristas de várias cores - “revolucionários” em palavras, oportunistas em ações - são por demais parte do problema do que parte da solução. Como regra geral, eles de forma oportunista se adaptam diretamente ao aparato burocrático das organizações de massa e, assim, indiretamente, a esta ou aquela grande potência imperialista. Nós nomeamos, entre muitos outros: o CIT- (Comitê por Uma Internacional de Trabalhadora) liderado por Peter Taffee, o CMI (Corrente Marxista Internacional) de Alan Woods, os lambertistas, bem como o mandelista NPA na França, que de forma consistentemente deixam de apoiar a resistência contra a ocupação imperialista nos países que são vítimas de sua potências imperialistas (por exemplo, Afeganistão, Iraque, Mali, etc.); a morenista LIT que saudou o golpe de Estado no Egito (assim como o CMI), bem como o reacionário movimento Euro-Maidan na Ucrânia (como o também fez o morenista UIT-Unidade Internacional de Trabalhadores); os centristas franceses como o LO-Luta Operária que apoiam a supressão do direito das muçulmanas femininas de usar o hijab nas escolas; os centristas britânicos que apoiaram a greve chauvinista “empregos britânicos para os trabalhadores britânicos” em 2009, denunciou a agosto levante em 2011

e que se opõem à defesa de “fronteira aberta para os Imigrantes” (como o CIT e o CMI); vários centristas que se recusam a defender a revolução síria, mas preferem tomar uma posição neutra (CIT, CMI, PTS / FT); os Clifitistas (do SWP na Grã-Bretanha), que oportunisticamente encontraram um lugar de convivência pacífica na facção parlamentar de esquerda reformista e pró-sionista LINKE na Alemanha e que conseguiram o absurdo político de apoiar Morsi da Irmandade Muçulmana no Egito em 2012, a recusar defender a Irmandade Muçulmana contra os massacres de Geral Sisi no verão de 2013 e de colaborar com apoiadores de golpe na chamada *Caminho da Frente da Revolução*; ou esses centristas que muitas vezes de forma oportunista se adaptaram aos Castro-chavistas (por exemplo, os lambertistas no Brasil) e / ou os que mais recentemente e escandalosamente apoiaram a direita, oposição pró-EUA contra Chávez (por exemplo, Chirino / UIT na Venezuela em 2013) ou contra o governo do PT brasileiro (por exemplo, apoio do morenista LIT e UIT às manifestações pró-impeachment de Dilma Rousseff).

Devemos escolher um caminho diferente. Enquanto a classe trabalhadora e os oprimidos não possuem um partido revolucionário de combate - tanto nacional como mundial - eles não podem ter sucesso em sua luta de libertação. Portanto, a tarefa mais urgente no período atual é oportuna construção dos partidos revolucionários e de um novo Partido Mundial da Revolução Socialista. Esses novos partidos revolucionários são construídos na luta de classes, assim como na luta contra as direções oficiais - os burocratas trabalhistas traiçoeiros, a social-democracia, os estalinistas, os pequeno-burgueses nacionalistas e os islamistas - que, consciente ou inconscientemente enganam os trabalhadores e os oprimidos.

Para fazer progressos significativos nesta tarefa, a unidade dos revolucionários em todo o mundo é altamente desejável. Tal unidade pode alcançar a construção de uma forte organização bolchevique internacional que compartilhe um programa comum, bem como a compreensão comum dos métodos de construção do partido e, portanto, servir como uma formação pré-partido para o novo Partido Mundial da Revolução Socialista (que em nossa opinião será a Quinta Internacional).

Confrontado com o avançar da contra-revolução no início de uma nova fase política, o CCRI chama todas as sinceras organizações revolucionárias e ativistas ao redor do mundo para se unirem na luta pelo autêntico marxista - o que significa o bolchevismo aplicado para as condições do século 21 - organização internacional. Tal organização internacional precisa de clareza teórica e prática. Eles devem estar baseados em uma compreensão conjunta da aplicação do programa revolucionário para a principal questão da atual luta de classe internacional. Eles não só devem proclamar o caminho para a libertação, mas também devem nomear e lutar contra todos os obstáculos. Em outras palavras, eles devem assumir a luta contra as numerosas forças de esquerda-reformistas e centristas que desorientam e enganam a classe trabalhadora sob a bandeira do “marxismo” - que é um “marxismo” sem o seu objetivo revolucionário, um “marxismo” convenientemente e oportunisticamente adaptado a todas as possíveis lideranças não operárias (reformistas, populistas, islamitas etc.) ou um “marxismo”, que vegeta na sectária remoção da luta de classes.

Por uma abordagem revolucionária para as questões candentes da Luta de Classes Mundial

A clareza e unidade programática deve ser analisado com base nas questões mais importantes da luta de classe mundial, tais como as seguintes.

** Defender a revolução árabe contra seus inimigos estrangeiros e nacionais!* Abaixo as ditaduras reacionárias na Síria, Egito, assim como as monarquias do Golfo! Não ao retorno da camarilha de Ben Ali na Tunísia! Contra a gangue do general Haftar na Líbia! Pela república dos trabalhadores e camponeses!

** Solidariedade internacional com a continuação da Revolução Síria!* Continuar a luta até que todo o aparato de Estado baathista seja esmagado! Abaixo a intervenção militar da Rússia, bem como dos imperialismos francês, dos Estados Unidos, do imperialismo britânico e alemão! Não a qualquer solução negociada pelas grandes potências! Pelo direito do povo curdo à autodeterminação nacional! Abaixo o reacionário Daesh (Estado Islâmico)!

** Esmagar o Estado imperialista de Apartheid de Israel!* Por uma República palestina socialista de trabalhadores e camponeses multinacionais desde rio até o mar (“Por uma Palestina livre e Vermelha!”) Não a qualquer Solução dos Dois Estados! Vitória para a Resistência Palestina! Pela solidariedade popular internacional dos trabalhadores, como a campanha de Boicote!

** Abaixo com agressões e guerras imperialistas!* No Afeganistão, Iraque, Síria, Iêmen, Mali, Somália e Coreia do Norte: Derrotar a OTAN imperialista e as forças russas e seus aliados locais! Nós estamos do lado daqueles que resistem aos invasores imperialistas, sem dar qualquer apoio político para a nacionalista, os islamitas ou as forças stalinistas!

** Deter a ofensiva contra-revolucionária na América Latina!* Não para o impeachment do governo Dilma Rousseff no Brasil! Não para o governo de direita de Macri na Argentina! Por uma frente única de massa de trabalhadores e organizações populares que deve incluir aqueles sob a influência dos reformistas e populistas (como os Kirchneristas, Castro-chavistas, etc.)! Mas nenhum apoio político para qualquer governo burguês-populista ou de frente popular! Expropriar as corporações multinacionais dos EUA, da UE e da China! Defende a Argentina contra o imperialismo britânico e chutar a Grã-Bretanha das Malvinas!

** Defender os direitos democráticos contra as ditaduras e semi-ditaduras!* Por frentes únicas de massa de trabalhadores e organizações populares - incluindo aquelas liderados por reformistas, por forças populistas e islâmicas - contra os regimes bonapartistas reacionários (por exemplo, Egito, Tailândia, Burundi, etc.)

** Apoiar a luta de todas as nações oprimidas pela auto-determinação!* Liberdade para Azawad (Mali), a Chechénia, Leste-Turquemenistão (China), Balochistão, Kashmira, Irlanda do Norte, País Basco, Catalunha, e todas as outras nações oprimidas! Apoiar a luta da minoria afro-americana nos EUA (como o movimento *Black Lives Matter*), assim como dos nativos / indígenas da América do Norte e América do Sul para a libertação!

** Igualdade de direitos para os imigrantes!* Nenhum controle de imigração nos países imperialistas! Igualdade de salários e plenos direitos de cidadania! Igualdade para os

migrantes e as línguas nacionais das minorias no setor da educação e da administração pública! Por um movimento revolucionário dos imigrantes!

* *Lutar contra o chauvinismo e militarização na Europa!* Levantar o estado de emergência em França! Nenhum envio do exército nas ruas da Europa! Todas as tropas europeias fora da África do Norte e Oriente Médio! Defender os imigrantes muçulmanos contra o racismo islamofóbico! Direitos iguais para os muçulmanos! Não à prisão em massa contra os islâmicos! Abrir as fronteiras para os refugiados!

* *Greves gerais contra a ofensiva austeridade!* Parar os ataques sobre os salários e os direitos dos trabalhadores! Sem mais privatizações! Cancelar a dívida pública! Nacionalizar todas as empresas que despedem trabalhadores ou declaram falência sob controle dos trabalhadores! Expropriar os bancos e corporações!

* *Apoiar a luta dos trabalhadores gregos e pobres contra a UE-Troika!* Por uma greve geral por tempo indeterminado contra o Terceiro Memorando! Sair da UE e lutar por um governo dos trabalhadores! Esmagar a UE imperialista pela Revolução Socialista! Pelos Estados Unidos Socialistas da Europa!

* *Abaixo todas as grandes potências imperialistas - EUA, UE, Japão, China e Rússia!* Em qualquer conflito político, econômico ou militar entre estas grandes potências, o movimento operário não deve dar qualquer apoio a um deles, deve seguir o programa Leninista do derrotismo revolucionário e declarar: o principal inimigo está em casa!

* *Para Liberação das Mulheres através da revolução socialista!* Apoiar a luta dos Dalit e outras mulheres na Índia contra a opressão sistemática! Unidades de auto-defesa de Trabalhadores e dos pobres para a defesa das mulheres contra a violência! Igualdade de salários para as mulheres! Pela a socialização dos trabalhos domésticos! Por um movimento revolucionários de mulheres da classe trabalhadora!

* *Pela libertação da juventude! Abaixo a repressão do Estado contra a juventude!* Vingam o assassinato dos 43 alunos de Ayotzinapa em México! Solidariedade com os jovens imigrantes na França e na Grã-Bretanha lutando contra a opressão! Apoiar os protestos dos estudantes sul-Africanos! Por um movimento revolucionário da juventude!

Ao contrário do que os reformistas burocratas como o Castro-chavistas, como o Partido da Esquerda Europeia ou o PC (Partido Comunista) indiano, os revolucionários rejeitam a ilusão de que tais demandas imediatas, para não falar de todo o programa, podem ser realizadas dentro do sistema capitalista. Mesmo as aplicações temporárias de tais exigências não podem ser alcançadas através dos métodos reformistas com foco em eleições, no trabalho parlamentar ou reformas. O capitalismo em decadência é incapaz de oferecer quaisquer reformas duradouras significativas.

Em vez disso, os revolucionários insistem em que a luta de libertação tem de ser conduzida por meio de luta de classes sem concessões e pelo avanço da auto-organização dos trabalhadores e dos oprimidos. É por isso que os revolucionários apoiam todas as formas de luta de massas de acordo com as circunstâncias concretas - começando com as *manifestações em massa, greves e greves gerais, ocupações de até insurreições armadas e guerras civis*. Da mesma forma, os revolucionários chamam em todas as

lutas para a *formação de comitês de ação* dos trabalhadores, da juventude e das massas populares nos locais de trabalho, bairros, vilas, escolas e universidades. Além disso, os revolucionários chamam para a formação de *unidades de autodefesa* para defender greves e manifestações, bem como os imigrantes ou refugiados contra a polícia e os fascistas. Em situações agudas de lutas de classes, tais organismos podem ser expandidos para que os comitês de ação possam tornar-se *conselhos* (como os soviets na Rússia, em 1917), respectivamente, *os trabalhadores armados e milícias populares*.

Rejeitamos qualquer forma de sectarismo quanto às organizações de massas da classe trabalhadora. A aplicação da tática da frente única nos sindicatos e outras organizações de massa de trabalhadores é um elemento fundamental na realização do objetivo estratégico de conseguir que a classe trabalhadora a romper com a burocracia traidora. Essa tática deve estar centralizada em atividades práticas e tem de incluir o mobilizar e organizar os membros da base, colocando exigências nos líderes, advertindo os trabalhadores contra ter quaisquer ilusões na liderança burocrática, bem como fazer agitação independente e propaganda. Assim, a tática da frente única deve ir de mãos dadas com denúncias fortes contra burocracia e a recusa de qualquer bloco estratégica com qualquer de suas facções de "esquerda" deles.

Trabalhar dentro dos sindicatos e outras organizações de massa, a fim de revolucioná-los permanece crucial. Os comunistas devem se organizar em facções e ajudar a construir um amplo movimento de bases para lutar contra a burocracia privilegiada e, finalmente, derrotá-las. No entanto, os revolucionários também estão cientes de que os sindicatos costumam organizar apenas uma pequena minoria da classe trabalhadora. Da mesma forma, os sindicatos são muitas vezes dominados pela aristocracia operária ou pelos setores mais abastados do proletariado. Por isso, é crucial usar todas as oportunidades para construir comitês de fábrica e organismos semelhantes nas lutas, a fim de ampliar a base. Além disso, os revolucionários devem se esforçar para organizar os estratos mais baixos da classe operária e das camadas oprimidas nos sindicatos e para trazer representantes dessas camadas em posições de liderança para que a dominância da camada aristocrática possa ser eliminada.

Os revolucionários devem combinar a sua participação na luta de classes com um programa para o poder da classe trabalhadora. Isto significa a renúncia total do ELP de stalinistas e vários centristas (por exemplo, do CIT, CMI) irrealista de um caminho pacífico, parlamentar para o socialismo. Isso significa lutar para a construção dos conselhos de ação dos trabalhadores, dos camponeses e pobres, de milícias populares armadas, a expropriação da classe capitalista e por um governo dos trabalhadores aliada com os camponeses e pobres urbanos e com base em conselhos e as milícias locais. Isso significa preparar a classe operária para a insurreição armada, a guerra civil e a ditadura do proletariado como o único meio pelo qual o proletariado pode avançar na luta pela libertação.

Uma Organização Internacional Revolucionária como a Ferramenta essencial para Lutar pelo Programa

Estas são algumas das perguntas mais importantes da luta de classes mundo de hoje. Clareza programática sobre o que fazer e o que não fazer, são básicos para uma unidade revolucionária sustentável. No entanto, não é suficiente chegar a um acordo sobre o programa. É preciso saber como lutar para o programa. Em suma, o que é necessário é a congruência do tipo de organização de combate que é a ferramenta para colocar o programa como realidade na luta de classes.

Os Revolucionários rejeitam todos os conceitos que enaltecem os chamados “grandes, pluralistas, partidos de esquerda” como o caminho a seguir. Certamente, estamos em favor de maior flexibilidade organizacional e tática no sentido de formações políticas que representam camadas radicalizadas de trabalhadores e oprimidos (incluindo táticas como a entrar nesses tipos de partidos como uma facção revolucionária ou chamando para novos partidos operários). Mas rejeitamos categoricamente o conceito de “pluralistas, partidos de esquerda” como um caminho a seguir, porque isso normalmente significa unidade entre burocratas e trabalhadores, de apoiantes e opositores das guerras imperialistas, de apoiantes da estrada parlamentar pacífica, bem como do caminho revolucionário. Em suma, como “União de Esquerda” funciona como a unidade para paralisar as atividades revolucionárias, portanto, é uma unidade inútil. O que a classe trabalhadora precisa é de um partido revolucionário de combate e isto tem que ser abertamente a ser proclamado.

A luta por um autêntico partido revolucionário mundial na tradição de Marx, Engels, Lênin e Trotsky é o desafio mais importante para os comunistas de hoje. Certamente, no momento nós somos demasiado pequenos em números e não suficientemente enraizados na classe operária. Mas as grandes realizações na história da humanidade nunca são presentes do céu, mas são alcançados pelo trabalho duro e sistemático. Formar uma unidade internacional dos oprimidos e trabalhadores revolucionários organizados determinados, com base em um programa comum e uma compreensão conjunta de seus métodos práticos e organizacionais é o pré-requisito mais importante para construir uma nova, Internacional revolucionária. Isto será fundamental para ganhar outros e maiores setores dos trabalhadores de vanguarda em uma data posterior.

Não existe nenhum caminho nacional para construir um partido mundial, mas apenas um caminho internacional. Por isso, um verdadeiro partido revolucionário, bem como organização pré-partido devem existir como uma formação internacional desde o início. Sem uma organização internacional, o centrismo nacional e finalmente os desvios nacionalistas são inevitáveis. Não há consciência sem matéria, nenhum espírito sem corpo.

Da mesma forma, um partido revolucionário, bem como a organização pré-partido deve basear-se nos métodos organizativos do bolchevismo (centralismo democrático, organização de quadros, etc.). O partido deve orientar-se para ganhar os melhores militantes entre a classe trabalhadora e os oprimidos - em especial os das camadas mais baixos e médias. Por isso, rejeitamos a orientação da maioria das organizações centristas orientadas à intelectualidade de classe média, bem como orientadas

à burocracia operária e à aristocracia. Esse trabalho não pode ser conduzido somente por meio propaganda, mas tem de ser combinado com o exemplar trabalho de massa. Camaradas, nós estamos vivendo em tal período complexo, tempestuoso, que é tão rica em mudanças e transformações - é um tempo para superar a rotina e dar passos corajosos adiante! O CCRI chama todos os combatentes para a libertação da classe operária e os povos oprimidos de todo o mundo para unir forças na luta pela construção de um novo partido revolucionário mundial. Dadas as diferentes tradições e posições, pode ser necessário para primeiro formar um bloco ou Comitês de Ligação entre várias organizações antes que possamos alcançar a unidade revolucionária. O que seriam etapas intermediárias, o objetivo deve ser o mesmo: *a unidade revolucionária para construir um novo Partido Mundial da Revolução Socialista!*

Não há futuro, sem o socialismo!

Não há socialismo sem revolução!

Não há revolução sem um partido revolucionário!

Nós incentivamos as organizações e ativistas que compartilham as perspectivas de gerais desta Carta Aberta a entrar em contato conosco e nos enviar suas ideias e críticas para que possamos discutir medidas concretas para discussão conjunta e colaboração: rcit@thecommunists.net

O CCRI tem seções e militantes no Paquistão, Sri Lanka, Iêmen, Tunísia, Israel/ Palestina Ocupada, Brasil, Grã-Bretanha, Alemanha, EUA, e Áustria.

Para uma visão mais ampla de pontos de vista do CCRI nós recomendamos àqueles que estão interessados visitar nosso site e, em particular, para o programa do CCRI: O Manifesto Comunista Revolucionário, www.thecommunists.net/rcit-manifesto ■



Não ao impeachment! Não ao chamado de novas eleições!

Todos os trabalhadores e todos os oprimidos ocupar as ruas do Brasil contra a ameaça do golpe de Estado! A luta contra o golpe deve ser em conjunto com a luta de classes contra os ataques de austeridade do governo!

Declaração da Corrente Comunista Revolucionária (CCR), 5 de dezembro de 2015

Tudo o que nós da CCR-RCIT vínhamos denunciando em nossos artigos desde meados de 2014 que estava em andamento um processo de golpe de Estado se confirmou. Algo que já vinha se desenvolvendo mesmo antes das eleições presidenciais em outubro 2014 se confirmaram após a vitória apertada da Frente Popular (PT-PMD).

O presidente da Câmara, Eduardo Cunha, informou na última quarta-feira, 2 de novembro, que autorizou a abertura do processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff. Ele deu andamento ao requerimento formulado pelos juristas Hélio Bicudo e Miguel Reale Júnior. O pedido de Bicudo – um renegado fundador do PT – foi entregue a Cunha em 21 de outubro desse ano. No requerimento, além de outras acusações estão a de o governo Rouseff incluir as chamadas “pedaladas fiscais” no governo em 2015, como é chamada a prática de atrasar repasses a bancos públicos a fim de cumprir as metas parciais da previsão orçamentária. A manobra fiscal foi reprovada pelo Tribunal de Contas da União (TCU). Há que se notar que tal prática já havia sido feita pelos governos anteriores, inclusive do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso-PSDB e ainda praticado por governadores estaduais e municipais.

Na representação, os autores do pedido de afastamento também alegaram que o chefe do Executivo descumpriu a Lei de Responsabilidade Fiscal ao ter editado decretos liberando crédito extraordinário, em 2015, sem o aval do Congresso Nacional. Eduardo Cunha destacou ainda que *“Dilma agiu, ao liberar o dinheiro, como se a situação financeira do país fosse de superávit (mais receita que despesa), sendo que depois enviou projeto pedindo para reduzir a meta fiscal”*.

A presidente Dilma negou, em pronunciamento que tenha cometido atos ilícitos em sua gestão e afirmou que recebeu com indignação a decisão do Presidente da Câmara e ainda afirmou:

“Hoje eu recebi com indignação a decisão do senhor presidente da Câmara dos Deputados de processar pedido de impeachment contra mandato democraticamente conferido a mim pelo povo brasileiro”. “São inconsistentes e improcedentes as razões que fundamentam esse pedido. Não existe nenhum ato ilícito praticado por mim, não paira contra mim nenhuma suspeita de desvio de dinheiro público”.

Para ser aprovado, o parecer dependerá do apoio de, pelo menos, dois terços dos 513 deputados (342 votos). Se os parlamentares decidirem pela abertura do processo de impeachment, Dilma será obrigada a se afastar do cargo por 180 dias, e o processo seguirá para julgamento do Senado.

Como vão resistir ao golpe as direções dos movimentos de massa

A direção da Federação Única dos Petroleiros (FUP), junto com a direção da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e ativistas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) lideraram as articulações com movimentos sociais de todo País em defesa do mandato da presidenta Dilma Rousseff.

“Somos contra o pedido de impeachment aceito pelo presidente da Câmara, deputado Eduardo Cunha”, declarou, quase como um slogan da campanha pró-Dilma, o diretor de Comunicação da FUP, Francisco José de Oliveira, o Chico Zé. *“Não estamos parados, não! Vamos partir para cima. Vamos chamar todo mundo a participar: movimentos sociais, estudantes”* em mais uma das inúmeras reuniões que realiza contra a aceitação do pedido de impeachment.

Outra reunião de articulação estava marcada no dia seguinte na sede da CUT no Rio de Janeiro, às 11h, para fechar um pacote de atividades nos próximos dias com centrais e sindicalistas. A primeira manifestação já foi definida para a terça-feira, dia 8 de dezembro. A CUT já conseguiu disponibilizar uma frota de 60 ônibus para mobilidade dos manifestantes. A estratégia é convocar a participação de manifestantes da Bahia, Minas Gerais e estados em volta.

Os sem-terra e os estudantes também se manifestaram com apoio a Dilma e às manifestações em seu favor. O líder do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), João Pedro Stédile, se comprometeu a mobilizar movimentos populares para ir às ruas em defesa do mandato da presidenta. *“Certamente, os movimentos populares irão fazer suas avaliações e, nos próximos dias, nos articularemos para programarmos mobilizações e impedirmos, nas ruas, qualquer tentativa de ferir nossa nascente democracia”*.

O partido de Causa Operária (PCO) reafirma em seu website que *“é preciso levar a luta para o terreno das massas, do povo trabalhador, da maioria do País que não tem como ganhar da direita por meio do voto no Congresso Nacional, mas que pode impedir o golpe nas ruas, mobilizada e organizada para resistir à ofensiva golpista”*.

O ex-presidente Lula da Silva

Dizendo-se indignado, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou que a abertura de um processo de impeachment contra a presidente Dilma Rousseff foi um gesto de “insanidade” do presidente da Câmara dos Deputados e que estaria colocando interesses pessoais acima dos do país.

A oportunista posição do PSTU em favor do golpe dizendo: "Fora Todos"!

O site oficial do PSTU no dia seguinte diz: *"O PSTU vem defendendo já há algum tempo a necessidade de os trabalhadores se organizarem e irem às ruas para dar um basta ao governo da Dilma, mas também fora Cunha, fora Aécio Neves, fora Michel Temer e fora esse Congresso"*. E ainda acrescenta que *"Dilma mentiu nas eleições, dizendo que não atacaria os trabalhadores"*. Além disso O PSTU faz a proposta de convocar novas eleições gerais no país, para presidência da República, senadores, deputados federais e governadores.

Nossa posição quanto aos governos de Frente Popular de Lula e Dilma Roussef

O Partido dos trabalhadores e seus governos típicos de Frente Popular fizeram suas políticas de ataques aos trabalhadores na forma de arrocho salarial, privatizações de aeroportos e rodovias, superávits primários para pagamento aos abutres credores internacionais, subsídios ao latifúndio destruidor da Amazônia, subsídios aos poderosos órgãos de imprensa, desvios milionários de verbas em aliança com setores da burguesia, etc. O partido com o objetivo de conseguir a sua "governabilidade" não só corrompeu como se corrompeu. Uma tragédia prevista há muitos anos desde a eleição de Lula da Silva em 2002.

A CCR-Seção nacional do RCIT esclarece então que não damos nenhum apoio político aos governos do PT (Lula e Dilma). Porém, defendemos sim contra o golpe, assim como os revolucionários fizeram quando defenderam o governo eleito na Espanha durante a guerra civil espanhola (1936-1939) contra as tropas fascistas de Francisco Franco, sem, no entanto, se comprometer com esse mesmo governo.

Porém, a partir do ponto de vista do imperialismo ocidental (EUA-EU-Japão) e da burguesia financeira e latifundiária desse país, o PT tem um defeito insuperável: sua origem social a partir dos movimentos de massa e das lutas do final da ditadura militar entre final dos anos 70 e início dos 80. Essa origem é imperdoável mesmo tendo se vendido e praticado muitas ataques aos trabalhadores, principalmente o funcionalismo público, como por exemplo a Reforma de Previdência de Lula da Silva em 2003.

O papel de Rússia e China imperialistas

O motivo mais importante do porque o imperialismo ocidental quer o afastamento de Dilma e do Partido dos Trabalhadores é pela razão de que os governos do PT (Lula e Dilma) fortaleceram os laços com Rússia e China, as novas potências imperialistas que estão em profunda rivalidade militar e econômica com o imperialismo tradicional ocidental. Haja vista os acontecimentos de Ucrânia e Síria.

O PT faz parte dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), uma aliança que visa dar visibilidade a seu crescente poder econômico em uma maior influência geopolítica mundial, algo que também incomoda o imperialismo ocidental.

A origem social do PT o obrigou a fazer concessões aos pobres na forma de políticas de ataques à miséria, as bolsas-família e outros subsídios tirando vários milhares

da extrema pobreza nas periferias e nas regiões Norte e Nordeste e assim evitando as migrações em massa para a rica região que eram comuns até os anos 90.

E um ponto dos mais importantes: O Partido dos Trabalhadores ainda não privatizou totalmente as bacias do Pré-sal que valem bilhões de dólares, também não privatizou a Petrobrás, assim como não privatizou os estatais Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal, além de que, sob pressão de sua base de milhões de trabalhadores filiados a sua central sindical CUT, o PT não apoia o projeto de terceirização total do conjunto dos trabalhadores brasileiros. Os imperialismos ocidentais e Russos-Chineses adorariam investir num país em que os trabalhadores, através da terceirização, se tornariam semi-escravos, sem os mínimos direitos trabalhistas.

É tudo isso que explica o processo golpista em curso que poderá levar ao impeachment do governo Dilma Roussef e o concomitante processo de desmoralização do PT e do provável forte candidato em 2018 Lula da Silva.

A ideia de que defender que o processo golpista e o impeachment é necessário por que existe uma "grande corrupção" só explica por duas coisas: 1) Uma profunda ingenuidade política alimentada pelos meios de comunicação; 02) Um profundo oportunismo político de grupos tanto à direita como à pseudo-esquerda pequeno-burguesa. Como expusemos acima, as coisas não são tão simples. São os interesses do imperialismo ocidental, comandados pelo imperialismo estadunidense, que explicam um processo tão complexo.

Os movimentos sociais e dos trabalhadores devem tomar as ruas com duas tarefas: 1) Lutar contra todas as medidas de ataques aos trabalhadores do governo de Frente Popular de Dilma Roussef e de sua equipe econômica tais como a alta dos juros, as reformas das pensões, as mudanças no seguro-desemprego, a criminalização dos movimentos sociais com a nova lei sobre terrorismo, o arrocho salarial, etc. 2) Lutar contra o golpe orquestrado pelos setores mais conservadores e reacionários que ressurgiram nos últimos anos desde o fim da ditadura militar em 1985.

É necessário que os revolucionários devem trabalhar para a construção de organizações independentes do Governo de Frente Popular, construir um novo partido de trabalhadores cuja estratégia seja a luta por um governo em aliança com os trabalhadores do campo e das cidades baseado nos conselhos e milícias populares.

Nós do CCR seção nacional do RCIT defendemos:

** Não ao impeachment! Não ao chamado de novas eleições!*

** Às ruas todas os trabalhadores e oprimidos contra a ameaça de um golpe de Estado! Pela luta de classes contra os ataques de austeridade do governo!*

- Pela a criação de comitês de luta nas fábricas, nos bairros, nas favelas, nas periferias e nos sindicatos em defesa urgente dos nossos direitos e contra qualquer movimento golpista! ■

Todos às ruas dia 20 de agosto contra as medidas de ataque do governo Dilma e ao mesmo tempo contra o golpe fascista!

Corrente Comunista Revolucionária-CCR (seção do RCIT no Brasil), 13.8.2015

Durante o programa eleitoral do PT na noite de 06 de agosto de 2015, como já era previsto e incentivado pela mídia conservadora, setores reacionários da classe média em todo o país bateram novamente suas panelas ao mesmo tempo xingavam a presidente Dilma e o Partido dos Trabalhadores. O mesmo novamente não aconteceu nas periferias e nos bairros populares. Parte das razões para o protesto da classe média e das camadas mais populares está relacionada com as duras medidas econômicas do governo Dilma, lideradas pelo ministro da fazenda Joaquim Levy, que têm levado ao arrocho salarial, aumento dos juros, desemprego crescente, inflação acelerada chegando a quase 10%, e perdas de direitos com relação à previdência e seguro desemprego. Sendo assim é compreensível que o governo esteja sofrendo um desgaste com parte da população, mesmo daqueles que votaram no partido.

Esse tipo de crise já atingiu governos anteriores antes e depois do fim do governo militar em 1985. O governo do presidente Collor sofreu o impeachment não porque estivesse somente envolvido pela corrupção, mas porque a paciência da maioria da população trabalhadora já havia se esgotado e ao mesmo tempo o ex-presidente não tinha uma forte base partidária. O que se seguiu foi que o PMDB alcançou a presidência na figura de Itamar Franco, abrindo caminho para o reacionário conservador PSDB com Fernando Henrique Cardozo aplicasse um amplo processo de privatizações das riquezas nacionais, haja vista a privatização de uma das maiores mineradoras do mundo, a Vale do Rio Doce. Além disso, o governo FHC aplicou os mais duros golpes contra a classe trabalhadora, como por exemplo na greve dos petroleiros de 1995 com a presença do exército brasileiro e várias demissões, porém tal greve impediu a privatização da Petrobrás. Os escândalos de corrupção se avolumaram, inclusive com

suspeitas de compra de votos para permitir a reeleição.

Com relação à crise atual nós não apoiamos o impeachment, nem fazemos o chamado a novas eleições como as que estão sendo feitas direitista pelo PSDB. Muito menos apoiamos a posição do PSTU em afirmar que “Não é a favor da saída de Dilma pelas mãos do corrupto Congresso Nacional”, chamando o movimento social a romper com a política do PT no sentido de buscar outra alternativa de governo. Ainda afirmam que “O que nosso partido (PSTU) propõe é que os trabalhadores se organizem e lutem para derrubar o governo Dilma.”. Nós perguntamos: Onde o PSTU enxerga nas ruas uma massiva presença dos trabalhadores e das organizações de massa a favor da derrubada do governo de Frente Popular? Basta uma multidão nas ruas para o morenismo (PSTU) declarar que estamos à beira da Revolução Socialista? Pelo contrário, o que testemunhamos é o ressurgir nas classes dirigentes e classes médias de um profundo reacionarismo conservador com tendências racistas (contra os nordestinos), xenófobas (contra os imigrantes haitianos, chilenos, bolivianos), profundamente anti-comunistas. Esses setores reacionários, apoiados pela mídia golpista, estão se sentindo à vontade até para praticar atos terroristas como por exemplo o ataque à bomba ao Instituto Lula em São Paulo em 30 de julho e ao Sindicato dos Correios em 16 de março. No parlamento está para ser votado a redução da maioria penal e a terceirização total do contrato de trabalho de todos os brasileiros (projeto de lei 4330/04). Dessa forma, é absurdo afirmar que estamos vivendo um ascenso revolucionário das massas. E pior, o PSTU em seu delírio, ao adotar essa política, se alinha com os setores mais reacionários que voltam à cena desde o fim da ditadura militar. Se de fato o governo Dilma cair, quem vai ocupar o poder? Ou o PSTU realmente pensa que estamos em um processo revolucionário em que



Militantes e simpatizantes da CCR na manifestação contra o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff, 16.12.2015

supostamente o seu partido está na linha de Frente, ou se trata de puro oportunismo para ganhar a simpatia de setores de classe média pequeno-burguesa radicalizada “contra a corrupção”.

O que testemunhamos de forma alguma se assemelha a um processo revolucionário. Apesar da prisão dos grandes empresários da construção civil (Odebrecht, Camargo Correa e Andrade Gutierrez) são principalmente os militantes e ex-ministros do PT que são o alvo principal. A nova prisão de José Dirceu tem como alvo não só aumentar o desgaste do governo Dilma como inviabilizar a candidatura de Lula da Silva. A direita reacionária enxerga no PT um “comunismo” que nunca existiu. Mas o que está em jogo não é a luta contra a corrupção ou contra o suposto comunismo dos governos do PT. Se fosse esse o caso figuras como o deputado federal Paulo Maluf já estaria atrás das grades. O governador Geraldo Alckmin e o PSDB no Estado de São Paulo está mais do que enrolado para explicar os desvios de milhões de dólares das obras do metrô. O que está em jogo, muito mais do que a corrupção, é a pressão do imperialismo e da burguesia nacional, entre muitas outras coisas, para os seguintes projetos: a privatização total do Pré-Sal, do Banco do Brasil, da Caixa Econômica Federal, da implantação total do contrato da terceirização (projeto 4330 do congresso nacional), de implantar restrições ou mesmo eliminação aos direitos de férias, décimo terceiro, Fundo de Garantia, licenças maternidade, etc. Tal amplo e brutal projeto de ataque é muito mais do que os governos petistas poderiam realizar sob pena de perder completamente sua base de apoio social nas massas trabalhadoras e é isso que explica o movimento golpista.

Numa concretização do golpe todos os grupos e movimentos de esquerda (ou considerados de esquerda), todos os movimentos sociais, organizações de bairros, partidos políticos progressistas, movimentos grevistas,

sindicatos, todos de alguma forma sofrerão na pele o avanço da repressão semi-fascista.

Porém, é necessário deixar bem claro: Nós não apoiamos o governo de Frente Popular do PT/PMDB. Devemos combater não só o movimento golpista, mas também as duras medidas de ataques feita pela presidente Dilma Rousseff tais como: a busca do superávit primário, a alta dos juros, o arrocho salarial no funcionalismo público (trabalhadores da Previdência estão em greve), a presença do Chicago Boy Joaquim Levy no ministério da Fazenda, a presença do latifúndio na pessoa de Katia Abreu no ministério da Agricultura, a restrição ao direito dos trabalhadores às pensões e ao seguro desemprego. O Partido dos Trabalhadores deve romper com a Frente Popular e se voltar às classes trabalhadoras e os pobres. As centrais sindicais, principalmente a CUT-Central Única dos Trabalhadores deve ao mesmo tempo que ser independente do governo, exigir do mesmo o fim desses ataques.

Acima de tudo, contra o golpe é urgente a necessidade da população trabalhadora e dos oprimidos em se organizar para enfrentar a ameaça golpista. A ameaça do golpe não será derrubada através de acordos parlamentares ou manobras jurídicas. É a população trabalhadora e a juventude da periferia e dos sertões em todo o país que deverá fazer esse combate. É preciso se organizar em comitês de luta nos locais de trabalho, nos bairros, nas favelas e formar comitês populares contra o golpe.

- Não ao golpe do impeachment e nem a convocação de novas eleições!

- Todos às ruas dia 20 de agosto contra as medidas de ataques do governo Dilma e ao mesmo tempo contra o golpe fascista!

- Criação de Comitês de Luta nas fábricas, nos bairros, nas favelas, nas periferias, nos sindicatos em defesa dos nossos direitos e contra qualquer movimento golpista! ■



Manifestação contra o processo de Impeachment da Presidenta Dilma Rousseff, em 16/12/2015 São Paulo

Argentina: Preparar para a Resistência Popular dos trabalhadores e das massas contra a nova Administração sob o governo de Macri!

**Por uma frente única de todas as organizações populares e de Trabalhadores
contra a nova ofensiva de Austeridade e da Administração Macri!**

Por uma ruptura com a política de colaboração de classes do Kirchnerismo!

Por um partido de massas de Trabalhadores independente de massas!

Declaração da Corrente Comunista Revolucionária Internacional-CCRI (em Inglês-RCIT), 19/12/2015

1. A vitória eleitoral recente de Mauricio Macri da aliança direitista *Cambiamos (Mudemos)* nas eleições presidenciais reflete tanto o modelo de falência da denominada “progressista” colaboração de classes do Kirchnerismo, bem como a determinação dos capitalistas para lançar ataques ferozes contra a classe trabalhadora e os pobres. As principais tarefas para os revolucionários são agora: (A) armar a vanguarda operária com as lições necessárias a partir do fracasso do populismo peronista, do sindicalismo não politizado, e do oportunismo centrista; (B) mobilizar uma ampla frente única contra a iminente ofensiva de austeridade de Macri; e (C) organizar a vanguarda dos trabalhadores a lutar por um partido de massas independente, com base em um programa revolucionário.

2. A vitória de Macri - um político de direita neoliberal e pró-americano - é parte de uma mudança geral na América Latina. Durante a última década, o continente tem sido dominado pela burguesia “progressista” e populista de Rouseff no Brasil, Chávez / Maduro na Venezuela, Morales na Bolívia, Correa no Equador, e Kirchner na Argentina. No contexto da mobilização de massas, uma fase de expansão econômica pelo aumento dos preços das matérias-primas para exportação, bem como o desenvolvimento da China como uma nova grande potência rivalizando com o imperialismo norte-americano - que tem tradicionalmente dominado América Latina - estes governos conseguiram fazer algumas concessões à classe trabalhadora e aos pobres e entraram em limitado conflito com o imperialismo norte-americano e o FMI. No entanto, o colapso dos preços das commodities, a desaceleração econômica da China imperialista, e o aumento da crise da economia capitalista mundial reduziram as margens de manobra destes governos burgueses “progressistas” e eles começaram a fazer ataques de austeridade contra as massas. Em resumo, o Kirchnerismo, a revolução bolivariana, o Castro-Chavismo, tornaram-se modelos exaustos de dominação burguesa. A classe dominante está agora focada nas forças políticas que possam garantir ataques maciços contra a classe trabalhadora e contra as massas, garantindo assim a taxa de lucro em tempos de recessão econômica. Além disso, a ofensiva das forças de direita também expressa o desejo do imperialismo dos EUA em recuperar a hegemonia sobre o continente.

3. A vitória de Macri estava relativamente próxima. Chegou em segundo lugar no primeiro turno com 34,15%,

mas recebeu 51,34% dos votos no segundo turno contra 48,66% para Daniel Scioli - o candidato oficial de Kirchner de “Frente para a Vitória” - a facção de “esquerda” peronista do Partido Justicialista). Sergio Massa, um candidato de outra facção peronista ficou em terceiro lugar com os mesmos 21,39% dos votos recebidos no primeiro turno. Os candidatos da esquerdista *Frente de Esquerda dos Trabalhadores (FIT)* recebeu 3,23% dos votos. No entanto a futura presidência de Macri permanecerá em terreno movediço, pois a *Frente para la Victoria-FPV* de Kirchner tem a maioria dos assentos no Congresso e no Senado.

4. Nos primeiros dias de seu governo, Macri já mostrou sua verdadeira face. O peso (moeda nacional da Argentina) foi desvalorizado causando forte inflação que está golpeando duramente os trabalhadores e os pobres (os preços devem crescer 5% em dezembro e janeiro). Ele está buscando uma cooperação mais estreita com o imperialismo norte-americano e quer excluir a Venezuela do MERCOSUL. Ele se recusa a convocar o Parlamento e governa por decretos do tipo: nomeação de novos juizes do Supremo Tribunal; isenções de impostos para os capitalistas agrícolas; e colocando lacaios e leis chefe nos organismos reguladores da imprensa e das telecomunicações. Em suma, Macri já demonstrou nos primeiros dias do seu regime que ele é um governante de direita e antidemocrático - um arco-inimigo da classe trabalhadora.

5. A Corrente Comunista Revolucionária Internacional-CCRI (em inglês-RCIT) defende que os revolucionários na Argentina deveriam ter dado um apoio fundamental para a FIT no primeiro turno das eleições presidenciais. O FIT é uma aliança eleitoral que consiste, basicamente, do *Partido Obrero-PO* (cuja Internacional é a CRCI), o *PTS- Partido de Trabajadores Socialistas (FT-CI)* e a *Esquerda Socialista -ES(UIT-CI)*. Apesar do caráter limitado, centrista de seu programa e sua política, a FIT representa setores importantes da vanguarda operária que lutam pela independência de classe e uma luta militante contra a ofensiva burguesa. No segundo turno das eleições, os revolucionários deveriam ter defendido voto em branco, recusando-se a apoiar qualquer um deles, Macri e Scioli, como ambos os candidatos representando diferentes setores da classe dominante.

6. Vários defensores da esquerda reformista Castro-Chavista estão derramando lágrimas após o fim de 12 anos de governos consecutivos dos Kirchner (Cristina

Fernández de Kirchner foi presidente da Argentina 2007 a 2015, enquanto seu marido Nestor governou por quatro anos antes). No entanto, esses chorosos falham em deixar de reconhecer que ela mesma, Kirchner, começou a implementar uma política de austeridade, e ela apoiou o candidato de centro-direita Scioli. Mais importante, pela sua própria natureza o populismo peronista é uma Frente Popular que neutraliza a luta independente da classe trabalhadora contra todas as facções da burguesia e, portanto, é incapaz de travar uma luta constante pelos interesses dos trabalhadores e pelos direitos populares. A tarefa estratégica - na Argentina, como em muitos outros países - é fazer que a classe trabalhadora e organizações de massas rompam com o controle das ditas “progressistas” forças populistas burguesas e criar um autêntico partido de trabalhadores, lutando por um programa da revolução socialista.

7. Na situação atual o Kirchnerismo está dividido. Alguns setores sugerem a colaboração com o novo governo de Macri. No entanto, outros setores importantes da burocracia Kirchnerista colocam alguma resistência limitada em prol de organização de manifestações de massa, vários dos quais aconteceram nos últimos dias. Estes últimos setores estão fazendo isso porque querem chegar a um acordo com Macri e “esperar” pela próxima eleição em quatro anos. Eles se oferecem a parar os protestos para garantir a “boa governação do país” em troca da impunidade legal para os líderes Kirchneristas. No entanto, essa motivação da liderança burocrática Kirchnerista não deve confundir os revolucionários a ignorar o objetivo, o conflito de classes importante por trás do confronto atual entre os Kirchneristas e administração Macri: o último representa a ofensiva de austeridade antidemocrática e agressiva da burguesia, enquanto que o primeiro representa um setor burguês populista que se apoia fortemente dos trabalhadores e com o apoio das massas. Em tal Conflito revolucionários devem formar uma frente única com os setores do bloco Kirchnerista que estejam preparados para resistir nas ruas e locais de trabalho. Um tal bloco deve se concentrar em ações práticas e não deve limitar-se à propaganda devem permitir a independência e a agitação dos revolucionários.

8. A luta pela independência da classe operária na Argentina é particularmente crucial dado o domínio tradicional do peronismo e suas respectivas facções em diferentes sindicatos e outras organizações populares. Por isso, a luta pela independência política da classe trabalhadora inclui a organização de trabalhadores de base contra a burocracia peronista nos sindicatos liderados por figuras como Moyano, Caló e Barrionuevo, que dirigem regularmente suas federações sindicais com autoritarismo e corrupção extremas, e com esta tarefa libertar os sindicatos desta casta parasitária. A aplicação da tática da frente única nos sindicatos e outras organizações de massa e populares - mobilizar e organizar os trabalhadores de base; colocando exigências aos líderes; advertir os trabalhadores contra ter ilusões na liderança burocrática - é um elemento fundamental para alcançar o objetivo estratégico de fazer romper a classe trabalhadora para fora do peronismo. Além disso, a tática da frente é crucial para ganhar as grandes massas das camadas mais pobres da classe operária, os sindicatos e outras organizações de massa, a fim de enfraquecer e eventualmente quebrar a hegemonia

aristocrática e burocrática sobre eles. Naturalmente, na situação atual, é importante também para aplicar a tática da frente única (como os companheiros da TPR-Tendencia Piquetera Revolucionária, com razão argumentam) com os trabalhadores e as organizações de massas populares lideradas pelas forças de Kirchner e Chávez.

9. Os Revolucionários devem fortemente denunciar burocratas do tipo Moyano e Barrionuevo que de forma oportunista apoiaram Macri nas eleições. No entanto, o apoio de outros líderes sindicais da CTA ou setores da CGT (centrais sindicais) para o candidato oficial de Kirchner não era melhor. Reflete o problema central do peronismo e dos sindicatos, respectivamente - não muito diferente da cooperação política trabalhista movimento trabalhista britânico (Labour Movement) com os liberais no século 19 - o que reduz a defesa dos trabalhadores exclusivamente em termos econômicos e abertamente abandona a esfera política aos caprichos das forças burguesas. Naturalmente, o apoio dos burocratas à ordem burguesa estabelecida anda de mãos dadas com seu desejo voraz para ter acesso a cargos no aparelho de Estado, aos subsídios públicos e aos fundos de segurança social.

10. Uma das tarefas estratégicas para revolucionários na Argentina - como tem sido o caso de muitos outros países ao longo da história da luta de classes do proletariado - é quebrar a fusão do movimento operário com a burguesia. Esta tarefa inclui a chamada para terminar com todas as formas de colaboração entre os sindicatos e outras organizações de massa dos trabalhadores e dos oprimidos de um lado, e o Estado burguês e os capitalistas do outro. A chamada também inclui os sindicatos e outras organizações de massa a romper com o peronismo e outros partidos burgueses e construir um partido operário independente. Os marxistas devem lutar por um programa revolucionário de ação como base para um novo partido de trabalhadores “No, entanto, sem fazer obrigação do adotar este programa uma pré-condição para a adesão. Este é uma medida necessária da tática da frente única. Em nossa socialista parecer no FIT deve lutar por uma tal reorientação. Em nossa opinião de socialistas, deve-se lutar por esta orientação dentro d FIT.

11. Assim, somos da opinião de que os grupos de esquerda que acreditam que é suficiente chamar os trabalhadores a apoiar uma pequena aliança eleitoral quanto a FIT é errado. Seu erro foi testado pelo seu próprio fracasso em aumentar o número de votos, apesar da derrota de Kirchner. Nas eleições legislativas de 2013, a FIT recebeu um milhão de votos, enquanto que na recente eleição presidencial recebeu apenas 812 mil votos. Em suma, a apresentação de uma alternativa eleitoral à esquerda - deixando de lado as deficiências do programa do programa da FIT (como uma versão reformista do slogan do governo dos trabalhadores) - não é suficiente para conduzir um rompimento entre os trabalhadores e o Kirchnerismo. Pelo contrário, é vital que o FIT aplique a tática da frente única dos trabalhadores e das organizações de massas ainda sob o controle da burocracia peronista (ou da CTA) assim denunciar instrutivamente sobre o papel traidor destas direções.

12. Nós também pensamos que esses setores da FIT que acreditam que a vitória eleitoral de Macri reflete um “processo de oposição popular ao governo” está completamente errado. Deixando de lado o fato de que a

maioria dos operários conscientes votaram contra Macri, é perigoso subestimar as consequências reacionárias da sua vitória. Agora, a tarefa não é acalmar a si mesmo no “otimismo fatalista” (Trotsky) que o voto popular para Macri é um passo “objetivo” em o desenvolvimento do processo fazer a classe trabalhadora romper com o peronismo. Tal idiotice não é apenas analiticamente um erro, mas também é provável que levará a conclusões táticas oportunistas sectárias e perigosas.

13. Ao mesmo tempo que rejeitamos as reivindicações desses setores Kirchneristas que agora retiraram-se para uma posição pessimista e derrotista. Não há dúvida de que a ofensiva de austeridade do novo governo Macri provocará lutas de classes em massa que podem inclusive conduzir a situações pré-revolucionárias.

14. Reiteramos que a tarefa urgente para os revolucionários agora na Argentina é preparar a vanguarda operária - tanto dentro como fora da FIT - para batalhas classistas enormes pela frente. Eles devem chamara todas as organizações de trabalhadores e do movimento popular para formar uma frente única de luta de massas contra o novo governo de Macri e sua iminente ofensiva de austeridade. Os Revolucionários devem chamar por um programa de construção de comitês de ação nos locais de trabalho, nas escolas e bairros, a fim de unir-se com as grandes massas das camadas mais pobres da classe trabalhadora, junto com os trabalhadores organizados em

sindicatos. Os Revolucionários também devem chamar um congresso nacional de delegados dos comitês de ação e os sindicatos e as organizações e as massas de outros trabalhadores. É também crucial criar *unidades de autodefesa* para defender os trabalhadores e as ações populares contra os bandidos da polícia e da direita. O objetivo deve ser o de organizar manifestações de massa e greves, culminando em uma greve geral política. Os revolucionários devem combinar uma perspectiva deste tipo com a luta por um *governo autêntico e popular de trabalhadores* baseado em conselhos de ação de massas e milícias.

15. Os revolucionários mais importantes da Argentina devem unir-se na base de um acordo sobre as tarefas estratégicas centrais e táticas da luta de classes no país (em particular na situação atual, o que exige a necessária luta contra o governo de Macri) e um programa internacional que inclui a luta contra o imperialismo, tanto o imperialismo ocidental como o oriental, contra todas as formas de fretepopulismo (como Kirchner, Castro-Chavismo, etc.), a solidariedade com a revolução árabe, a luta pela revolução permanente, e pelo poder da classe trabalhadora. O RCIT chama os revolucionários de todo o mundo para se juntar a nós na luta por um novo partido mundial da revolução socialista!

Secretariado Internacional do RCIT ■

Building the Revolutionary Party in Theory and Practice

*Looking Back and Ahead after
25 Years of organized Struggle for Bolshevism*



By Michael Pröbsting

Published by the Revolutionary Communist International Tendency

Nova publicação de RCIT:

Construindo o Partido Revolucionário na Teoria e prática

**Analisando o passado e o Futuro
após 25 anos de Luta Organizada
pelo Bolchevismo**

As grandes Potências têm o objetivo de Liquidar a Revolução Síria!

Mobilizar pela Solidariedade Internacional com a Luta de Liberação Síria contra Ditadura de Assad! Parar os ataques Aéreos dos EUA, Rússia e França! Não ao Terrorismo do Estado Islâmico!

Declaração da Corrente Comunista Revolucionária Internacional (RCIT), 18/11/2015, www.thecommunists.net

1. A Revolução Síria enfrenta atualmente sua maior ameaça. As Grandes Potências – em especial os EUA, Rússia e França – estão conspirando para liquidar a Revolução síria. Obama, Putin e Hollande desejam alcançar esse objetivo com a ajuda do bárbaro aparato estatal construído durante décadas de ditadura pelo clã Assad assim como pela integração de alguns elementos corrupto entre os setores de oposição síria. Este é o objetivo das negociações que atualmente ocorrem em Viena, no encontro do G-20 e da visita de Hollande a Moscou. A Corrente Comunista revolucionária Internacional alerta que se eles tiverem sucesso nisso, será o maior golpe Revolução Árabe em geral e à Revolução síria em particular.

2. Enquanto não conhecemos os resultados definitivos das negociações entre as Grandes Potências, existe indicação de dados que mostram que os governantes estão seriamente avançando em um plano de acordo concreto para pacificar a Revolução Síria. Eles entraram em acordo em intervir de forma na Síria e coordenar seus ataques. Eles igualmente concordam com um “período de transição” a durar por alguns meses (o tempo exato está em discussão e varia entre 06 e 18 meses) até que eleições parlamentares ocorram. Há diferenças não resolvidas com relação ao próprio futuro do ditador Bashar al-Assad o qual foi um lacaios de Rússia nos últimos anos – após décadas de colaboração dele e de seu pai com o imperialismo estadunidense. (Guerra do Golfo 1991, programas de tortura da CIA, etc.) No entanto, existe um acordo entre as Grandes Potências em manter a maior parte do aparato Baathista – uma casta do exército, do serviço secreto e oficiais administrativo treinados nas décadas de ditadura brutal. Há “discussões construtivas” entre as grandes potências sobre a federalização da Síria ao longo de linhas religiosas e étnicas que poderiam levar a novas expulsões em massa e assassinatos de pessoas “erradas” que vivem nos distritos (como aconteceu na Índia e no Paquistão 1948). Finalmente, Rússia e Estados Unidos elaboraram listas de “grupos terroristas” na Síria, que - de acordo com a agência de notícias - “são em grande parte coincidentes”. Isto significa que as Grandes Potências concordam que, enquanto alguns grupos de oposição “moderada” poderiam ser arrastados para o “processo de transição política”, a maior parte importante dos rebeldes sírios deve ser excluída e caçados como “terroristas”.

3. Qual é o pano de fundo deste novo desenvolvimento? Em primeiro lugar, os desenvolvimentos dos acontecimentos nos últimos meses têm testemunhado um enfraquecimento do regime de Assad, que levou o regime à beira do colapso. A grandiosa intervenção militar da Rússia, juntamente com mais tropas iranianas

tenta agora modificar este declínio ao redor. Em segundo lugar, as grandes potências ocidentais - cujas esperanças no passado falharam no sentido de que eles poderiam colocar um laçao na casta superior do aparelho de Estado baathista que não servisse principalmente aos interesses russos, mas aos interesses ocidentais - estão agora dispostos a colaborar com Putin neste esforço. Eles têm que tirar do balanço que suas táticas passadas na guerra civil síria não lhes trouxeram uma força sólida de apoiantes nem nas fileiras dos rebeldes nem entre o regime. O melhor que eles puderam fazer foi o alistar as forças curdas - incluindo o pequeno-burguês nacionalista do YDG / PKK - (em português Partido dos Trabalhadores do Curdistão) como tropas terrestres na guerra contra Daesh / (em português Estado Islâmico-EI). Em terceiro lugar, as ondas de refugiados que vão para a Europa têm impulsionado os governos da União Européia-UE a pacificar a guerra civil síria, colaborando com o regime de Assad. Vamos observar brevemente que a UE ignorou completamente a “crise” de refugiados, enquanto os refugiados sírios estavam restritos ao Líbano, Turquia e outros países vizinhos!

4. Finalmente, o desejo das Grande Potências em colaborar na liquidação da revolução síria certamente foi acelerado pelos dois ataques terroristas bem sucedidos por parte do reacionário Salafista-Takfiri Daesh /Estado Islâmico-EI - contra um avião russo no Egito, bem como o ataque em Paris. Ambos os ataques foram dirigidos contra civis comuns e serviram à classe dominante como um pretexto bem-vindo para justificar suas guerras imperialistas. Isto demonstra mais uma vez o caráter reacionário da organização Daesh /EI. Notamos de passagem que 49 organizações de rebeldes sírios - incluindo Jaish al-Islam e Ahrar al-Sham - denunciaram o ataque Paris.

5. O perigo para o futuro da Revolução Síria é acelerado pelo fato de que a própria revolução enfrenta uma crise terrível de liderança. Os rebeldes estão divididos, uma parte de líderes tem sido corrompido e as forças mais fortes são islamitas, incluindo os grupos sectários e salafistas. Este é o resultado do fato de que a classe trabalhadora não foi capaz de desenvolver sua própria liderança durante as décadas de ditadura sob o clã Assad, bem como pela a colaboração vergonhosa dos dois partidos “comunistas” sírios com o regime de Assad. Soma-se a isso a traição da revolução síria pelas forças mais fortes da chamada internacional de “esquerda”. Os governos bolivarianos burgueses capitalistas de estado na Venezuela, na Bolívia e no Equador, o Partido da Esquerda Europeia, etc, dos Partido Comunistas da Índia - eles todos, ou apoiaram abertamente o sangrento regime de Assad sangrenta e saudaram a agressão imperialista por parte

da Rússia ou tomaram uma posição neutra. Finalmente, o setor de “esquerda” do grupo curdo YPG / PKK também não apoiou a Revolução durante anos e agora não só legitimamente está a defender o povo curdo contra Daesh / EI, mas por outro lado também está a colaborar com o imperialismo norte-americano. Não é de surpreender que sejam os islamitas como as únicas forças significativas que apoiam a revolução a conseguiu ganhar o apoio das massas!

6. O RCIT considera a aparente união das grandes potências como um grande perigo não só para a revolução síria, mas também para a revolução árabe como um todo. Isto é particularmente verdadeiro se somarmos a isso as recentes derrotas da revolução iemenita contra a invasão liderada Arábia e a repressão contínua do povo egípcio pela ditadura militar sangrenta do general Sisi. No entanto, a derrota da Revolução Árabe está longe de ser dada como certa. Há uma série de tendências contrárias: i) a força dos rebeldes sírios e sua oposição a qualquer acordo que incluiria o aparelho do Estado comandado por Assad, ii) a semi-Intifada do heroico povo palestino e iii) a contínua e firme luta de massas do povo do Iêmen e do Egito contra as forças reacionárias.

7. Os desenvolvimentos recentes também demonstraram uma vez mais quanto ridícula é a tese de vários esquerdistas pró-stalinistas é que a Rússia não é uma Grande Potência imperialista. Hoje a Rússia é o estado que realiza a intervenção militar mais forte. A Rússia empreende a maioria dos ataques aéreos e é capaz de usar as forças do regime sírio, bem como tropas iranianas como suas tropas terrestres. Os EUA e a UE - apesar de sua rivalidade com Moscou - foram forçados a se acomodar ao fato de aceitarem Putin como um parceiro para a liquidação da Revolução Síria. Depois de parar Obama em setembro de 2013 de um ataque militar na Síria, e após a anexação da Criméia e de fato a região de Donbass, em 2014 na Ucrânia, o imperialismo russo voltou a demonstrar sua força ao intervir maciçamente militarmente na Síria forçando as Grandes Potências ocidentais a colaborar com ele. Aqueles que não conseguem reconhecer o caráter imperialista da Rússia (e da China) estão perdidos em confusão em um mundo que está cada vez mais caracterizado pela rivalidade das diferentes Grandes Potências - principalmente EUA, UE, Rússia, China e Japão. Eles inevitável mente acabarão nas margens ou mesmo do lado errado das barricadas nas principais questões da luta de classes internacional.

8. Da mesma forma, os desenvolvimentos recentes também mostraram o quanto estúpidos foram esses esquerdistas que fantasiavam sobre o caráter “anti-imperialista” do regime de Assad e as supostas “contradições insuperáveis” entre ele e os imperialistas ocidentais. Na verdade, essas “contradições” sempre foram apenas diferenças táticas que foram aumentadas recentemente pela escolha de Assad à Rússia imperialista que é um rival do Ocidente. No entanto, desde que a Rússia, o Ocidente e o regime de Assad concordem em sua hostilidade contra a revolução popular, tem havido sempre um terreno comum suficiente para um acordo.

9. Quais são as principais tarefas para os socialistas agora? O RCIT considera urgente que os operários e os camponeses se organizem de forma independente de todas as forças burguesas e pequeno-burguesas - isso

inclui Exército Livre da Síria- ELS (em inglês FSA) secular (ou seja, não religioso), bem como as facções islamitas. Os Socialistas e Democratas devem apoiar todos os esforços para construir conselhos de trabalhadores e camponeses, assim como milícias populares. Os Socialistas tanto na Síria como em âmbito internacional deveriam se reunir para apoiar a revolução síria e a luta dos rebeldes contra Assad, bem como contra o reacionário Salafista-Takfiri Daesh-Estado Islâmico. O RCIT apoia a resistência dos rebeldes tanto contra todos os imperialistas, os russos, bem como os imperialistas EUA e França. Ao mesmo tempo, os socialistas têm que lutar contra a agenda política da liderança dos rebeldes e tomar medidas para construir um autêntico partido operário revolucionário.

10. Além disso, é fundamental aumentar a solidariedade internacional com a Revolução Síria, o que inclui uma luta incondicional contra a conspiração Grandes Potências bem contra os reformistas, os apoiadores estalinistas e bolivarianos ao regime de Assad. Nós também criticamos fortemente esses esquerdistas que limitam o seu apoio para a revolução síria a alguns pequenos círculos de intelectuais democratas pequeno-burgueses (na sua maioria residentes no estrangeiro) que se encaixam no esquema do “progressista” da esquerda ocidental. É um fato lamentável que a revolução síria esteja atualmente a ser dirigida por forças islâmicas pequeno-burguesas. No entanto, este tem sido frequentemente o caso - nós apenas lembramos a esses esquerdistas para o fato de que a revolta heroica das tribos do Rif liderados pelo islamita Abd el-Krim na década de 1920. Da mesma forma, a luta pela independência argelina conduzida pelo FLN levou a uma série de massacre contra colonos franceses e civis argelinos. (Para não falar da defesa da União Soviética apesar do fato de que a ditadura stalinista massacrava milhões de trabalhadores!) Da mesma forma a revolução espanhola em 1936-39 foi liderada pelos reformistas e estalinistas que defendiam a propriedade privada dos capitalistas e massivamente assassinaram revolucionários operários e camponeses. O RCIT não deixa de apoiar a justa luta das centenas de milhares de rebeldes sírios contra o regime de Assad, bem como não deixa de ser contra as potências imperialistas em função de suas lideranças islâmicas. Apenas covardes pequeno-burgueses, dependendo da “opinião pública” no Ocidente e na Rússia abandonam a luta revolucionária (ou uma greve) por causa de uma liderança errada!

11. O RCIT mais uma vez apela aos socialistas a combinar a solidariedade internacionalista com a Revolução Síria com o apoio contínuo à luta palestina de libertação contra o Estado sionista, à resistência popular contra a ditadura egípcia, e à guerra de libertação iemenita contra a invasão estrangeira pela gangue de Al -Saud. Ao mesmo tempo, os socialistas na Europa devem participar do movimento de solidariedade em favor dos refugiado e lutar por uma perspectiva internacionalista da classe trabalhadora.

12. O mais importante, os revolucionários devem se unir com base em um programa internacional que inclui solidariedade com a Revolução Árabe, a luta pela revolução permanente e pelo poder da classe trabalhadora, e tanto contra o imperialismo ocidental como o imperialismo oriental. O RCIT chama revolucionários ao redor do mundo a se juntarem a nós na luta por um novo partido

mundial da revolução socialista!

13. A RCIT conclama aos socialistas autênticos, a todos os trabalhadores e aos pobres e oprimidos a lutar junto conosco para:

- * À vitória na Revolução Síria! Abaixo a Ditadura de Assad!
- * Não à conspiração grandes potências contra a revolução síria!
- * Derrota da Intervenção militar da Rússia, dos EUA e da França!
- * Nenhuma intervenção militar da Grã-Bretanha na Síria! Forçar o Partido Trabalhista se opor e mobilizar para os protestos nas ruas!
- * Não ao sectarismo reacionário! Abaixo o Salafi-Takfiri Daash (Estado Islâmico)!
- * Por milícias e Conselhos Operários e camponeses! Por um governo operário aliada aos camponeses com base em conselhos e as milícias locais!
- * Pela solidariedade internacional com os rebeldes sírios e pelo movimento popular! Por uma campanha das organizações de massas da classe trabalhadora e para facilitar a ajuda militar oprimidos para o movimento rebelde!
- * Para a solidariedade internacional do movimento operário aos companheiros no Egito!
- * Abaixo o sionista Estado de Apartheid Estado! Solidariedade com a luta de libertação palestina! Por uma Palestina livre,

Vermelha desde o rio até o mar!

- * Defender o Iêmen contra a gangue de agressores de al-Saud!
- * Revitalizar e espalhar a revolução árabe que começou no final de 2010! Por uma Federação Socialista do Oriente Médio!
- * Solidariedade com os refugiados que vão para a Europa! Abrir as Fronteiras! Por mobilizações de massa contra o crescente racismo tendo como alvos os imigrantes e os refugiados muçulmanos!
- * Não ao aumento da repressão estatal na Europa! Cancelar o estado de emergência em França! Nenhuma restrição aos direitos democráticos!
- * Avançar na construção de partidos revolucionários no Egito, na Síria e internacionalmente! Pela revolucionária Quinta Internacional dos Trabalhadores!

Secretariado Internacional da RCIT

Para as nossas mais recentes análises sobre a Síria veja: <http://www.thecommunists.net/home/portugu%C3%AAs/defender-s%C3%ADria-contra-russo/>
 Para nossas análises sobre a Revolução Árabe veja: <http://www.thecommunists.net/home/portugu%C3%AAs/revolucao-arabe/> ■



Imagens da Passeata em Solidariedade à Revolução Síria em Frente às Embaixadas da Rússia e do Irã. Viena 23/10/2015

A contra-revolução imperialista ameaça a Síria!

Abaixo com as guerras das grandes potências! Solidariedade com a revolução síria em luta contra a ditadura de Assad! Por uma Federação Socialista no Magreb e Mashreq!

Declaração conjunta de la Agrupación de Lucha socialista (ALS)

da Corrente Comunista Revolucionária Internacional (em inglês RCIT), 07/12/2015

1. Desde dezembro de 2012, as massas operárias e camponesas do Magreb (norte da África) e do Mashreq (Oriente Médio) se rebelaram por pão e democracia. Por 5 anos, temos assistido a uma onda de revoluções, um após o outro, em que as massas derrubaram ditaduras que governaram por décadas como a de Ben Ali na Tunísia, Mubarak no Egito, Kaddafi na Líbia (que pagou por seus crimes nas mãos da classe trabalhadora) e Saleh no Iêmen. Todas as revoluções aconteceram contra ditaduras sangrentas, exigindo o pão que tinha sido negado, exigindo a queda das figuras mais representativas dos exploradores e opressores do povo do Magrebe e do Mashrek.

2. Na Síria as massas se rebelaram início da primavera de 2011, enfrentado o regime assassino de Bashar al-Assad. Desde então, mais de 400.000 sírios foram mortos e cerca de 10 milhões de pessoas foram forçadas a deixar suas casas. O levante se causou a intervenção na arena de muitas das grandes potências. A Rússia, o Irã e o Hezbollah têm prestado apoio maciço para Assad desde o primeiro dia dos levantes e enviaram milhares de toneladas de armas e soldados com o objetivo de ajudar a ditadura a massacrar trabalhadores e camponeses sírios. A União Europeia e os Estados Unidos também favoreceram a manutenção do aparelho de Estado baathista, mesmo que por um tempo tenham preferido para substituir Assad com outra pessoa. Além disso, a Revolução Síria tem enfrentado o Daesh (o denominado Estado Islâmico-EI), uma organização terrorista reacionária e inimiga mortal da Revolução.

3. No entanto, hoje todas as forças contra-revolucionárias estão se alinhando e são ativas na coordenação dos seus planos na mesa de negociações em Viena, com um objetivo em mente: esmagar a Revolução Síria e todas as revoltas populares no Oriente Médio. Naturalmente, entre as várias forças externas têm intervindo na disputa - Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Rússia, China e outros partidos- há uma série de interesses em disputa. Mas esses diferentes interesses não são uma manifestação do conflito entre opressores e oprimidos, são apenas expressões de rivalidade entre as diferentes potências. Assim, vemos que, independentemente de estes interesses serem opostos, quando se trata de esmagar as massas insurgentes não há diferenças entre a classe dominante, e todos eles podem encontrar um ponto comum para unirem-se contra as revoluções populares com o objetivo de sufocá-las.

4. O ALS e a RCIT denunciam com veemência a traiçoeira esquerda estalinista e bolivariana que abertamente ou disfarçadamente apoiam o regime de Assad. Rejeitamos totalmente suas alegações de que

os ditadores reacionários burgueses como Assad ou Kaddafi de alguma maneira foram “anti-imperialistas”. Na verdade, esses ditadores brutais têm sido e sempre serão opressores de seu próprio povo, coniventes com as grandes potências como eles foram ao longo de décadas, para manter a ordem mundial imperialista (por exemplo o Assad o pai unindo-se a Bush na primeira Guerra do Golfo contra o Iraque em 1991, a constante ajuda de Kadaffi à União Europeia para evitar os imigrantes de atravessar o Mediterrâneo em direção à Europa, e com a colaboração de ambos os regimes com o programa global de tortura da CIA). Da mesma forma, rejeitamos totalmente a afirmação estúpida que a Rússia foi e está a desempenhar um papel anti-imperialista por meio de sua agressão na Síria. Finalmente, denunciamos as enormes mentiras ditas em apoio de Assad, no sentido de que os rebeldes sírios são “agentes da OTAN e do imperialismo”. Na verdade, todas as grandes potências, a Rússia e os Estados Unidos, França e Grã-Bretanha, todas elas estão realmente muito pouco focadas em atacar militarmente o Estado Islâmico. Em vez disso, seus principais objetivos são as várias milícias rebeldes sírias que na verdade são as únicas forças que estão realmente lutando contra o Estado islâmico, contra o carneiro Bashar Assad e contra as grandes potências! A esquerda reformista pró-Assad não compreende que todas as grandes potências e seus lacaios locais estão trabalhando em conjunto para um objetivo comum: extinguir totalmente a chama da Revolução que ainda arde no Oriente Médio. Consciente ou inconscientemente, esses “esquerdistas” estão objetivamente a apoiar os esforços contra-revolucionários!

Quem é responsável pelo terror em Paris?

5. Os coordenados ataques terroristas em Paris em 13 de novembro, estão servindo de pretexto para os Estados Unidos, Rússia, Israel, França e outros, intensificarem as suas guerras imperialistas. Eles derramaram lágrimas pelas vítimas inocentes dos ataques terroristas, mas nunca mencionaram as centenas de milhares de vítimas do terror dos Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, da Alemanha e outros no Afeganistão, Iraque, África Central, ou da Rússia sobre a Chechênia. Os governos imperialistas também estão usando os ataques a Paris como um pretexto para eliminar os direitos democráticos e intensificar a repressão, enquanto aumenta a dinâmica da guerra no Magrebe e do Mashrek. Atualmente a França está a desempenhar um papel de liderança nesta ofensiva reacionária. O governo “socialista” de Hollande, com o pleno consentimento e apoio de todos os partidos no Parlamento (incluindo o denominado Partido “Comunista” Francês), impôs

um estado de emergência a durar por três meses, o que limita drasticamente os direitos democráticos. Este é uma medida obviamente “bonapartista” da classe dominante para suprimir os protestos populares, que se tornaram imediatamente visíveis durante a conferência da COP 21 em Paris no final de novembro. Como resultado do atual estado de emergência, todas as manifestações públicas contra o encontro da COP 21 foram proibidas. Neste contexto, uma “ilegal” manifestação por justiça climática realizada por 5.000 participantes em 29 de novembro, foi brutalmente agredida por policiais e 200 manifestantes foram presos. Pelo menos 24 ativistas do clima foram colocados sob prisão domiciliar pela polícia francesa antes do protesto planejado. O Estado francês também fechou três mesquitas.

6. Os grupos ALS e RCIT denunciam a burocracia reformista na França, que capitulou completamente à burguesia imperialista. O Front de Gauche-Frente de Esquerda (FDG) e o Partido “Comunista” (PCF) assim como os dirigentes sindicais aderiram maciçamente de forma traiçoeira à “União Nacional” - assim como fizeram após o ataque contra os escritórios da revista Charlie Hebdo em janeiro deste ano. Sem exceção, todos os membros da PCF votaram a favor da extensão do estado de emergência de três meses! Da mesma forma, o Partido da Esquerda Europeia -a associação internacional de partidos ex-estalinistas na Europa, que também inclui o Front de Gauche o PCF, o SYRIZA, o alemão LINKE, o BE em Portugal e outros, repetiram a sua capitulação social-imperialista de janeiro, ao falhar completamente em condenar o estado de emergência ou as agressões militares da França. Novamente, esses reformistas se comprovaram leais lacaios do imperialismo.

7. É verdade, a esquerda centrista em França não se juntou à “União Nacional” e ativistas do Novo Partido anticapitalista-NPA, Alternativa Libertaire e Ensemble, incluindo os porta-vozes do NPA, Olivier Besancenot e Christine Poupin participaram na manifestação contra a COP 21 em 29 de novembro. No entanto, a esquerda centrista é organicamente incapaz de romper de forma consistente com as instituições do imperialismo francês e tornar-se um canal para os trabalhadores e os oprimidos. Nenhum dos três principais grupos centristas franceses

(o mandelista NPA, o lambertista PT / ITC e a LO) ousaram chamar pela derrota das tropas francesas e pela solidariedade com a resistência contra os invasores nas guerras coloniais da França na última década e meia (Afeganistão, Mali, etc). Nenhum desses partidos se uniram aos jovens migrantes na sua revolta nos banlieues (bairros da periferia de Paris) em 2005/06. Eles todos também expressaram sua simpatia para a racista revista Charlie Hebdo em janeiro de 2015 após o ataque. O Lutte ouvrière-LO (Luta Operária) tem um histórico vergonhoso de apoio à proibição do véu para jovens muçulmanas nas escolas. O PT / CCI (Corrente Comunista Internacional) lambertista tem estado intimamente ligado com a burocracia sindical corrupta, particularmente a FO, todos eles apoiaram o estado de emergência de Hollande.

8. O RCIT e ALS e enfatizam que os terríveis ataques de Paris, Beirute etc. São o resultado direto da intervenção imperialista. É miséria e as guerras provocadas pelo imperialismo, o que leva as pessoas a participarem de organizações terroristas. E quem se esqueceu que esses mesmos imperialistas ocidentais apoiaram os jihadistas anti-comunistas no Afeganistão que lutaram contra o exército soviético na década de 1980?

9. Sob o pretexto de combater Daesh (Estado Islâmico), todas as grandes potências querem esmagar a revolução no Oriente Médio, para poder saquear a região pacificamente. Eles realmente não estão lutando contra o Daesh, pelo contrário, quando é conveniente comprar petróleo deles ou usam o Daesh como arma de contra-revolução.

10. A atual ofensiva contra-revolucionária, também serve para fortalecer os esforços de Israel para esmagar o levante palestino. As grandes potências temem que outro impulso das lutas populares poderia levar a um renascimento da revolução árabe e provocar novas revoltas no Oriente Médio. Eles têm razão em temer essa possibilidade dada a turbulência enorme na Europa e no Oriente Médio: continua a resistência popular contra a agressão no Iêmen Al-Saud, a resistência palestina está em pé e à beira de uma terceira Intifada, milhões de refugiados estão chegando à Europa, a classe trabalhadora grega reiniciou seus protestos massivos com outra greve geral.



CCCR

Trabalhadores e Oprimidos, Uni-vos!

**Paremos a guerra imperialista
e esmaguemos a contra-revolução!**

11. O RCIT e ALS e inequivocamente afirmamos que nesses conflitos, os explorados e oprimidos do mundo, só pode se posicionar em um lado: com as massas árabes em sua luta contra as intervenções militares imperialistas e ditaduras contra-revolucionárias. A classe trabalhadora da Europa e particularmente da França, não devem fornecer qualquer apoio a seus próprios governos. Devem denunciar a histeria chauvinista e a hipocrisia organizada pelo governo Hollande como pretexto para o bombardeio imperialista contra o povo sírio. Também os trabalhadores e oprimidos devem lutar contra a militarização e o permanente estado de emergência dentro dos países imperialistas, bem como lutar contra os ataques em forma de austeridade dos governos burgueses.

12. O Estado Islâmico é uma arma da contra-revolução. Ele não será derrotado pelos imperialistas e suas bombas. O Imperialismo e o Estado islâmico só podem ser derrotados pelas massas insurgentes e armadas do Oriente Médio com todo o apoio e solidariedade da classe trabalhadora do mundo. Portanto, o ALS e o RCIT chamam os partidos, os sindicatos organizações da classe trabalhadora e dos oprimidos, para organizar ações de solidariedade internacionalista ativa com a revolução na Síria e no Oriente Médio. Deve-se fornecer ajuda material à resistência por todos os meios possíveis.

13. Finalmente, o ALS e o RCIT enfatizam que a tarefa mais importante no próximo período é a construção de partidos revolucionários em todos os países, assim como um novo Partido Mundial da Revolução Socialista!

** Derrotemos o imperialismo - solidariedade com a resistência! Estados Unidos, Rússia, França e quaisquer outras potências: Tirem as Mãos da Síria! Fora com as Tropas do Afeganistão e do Mali! Solidariedade com a luta de resistência contra os ocupantes invasores!*

**Solidariedade com a revolução árabe! Apoio para a revolução síria! Abaixo a ditadura de Bashar al-Assad!. Abaixo o reacionário Daesh / EI! Solidariedade com a resistência popular*

egípcia contra a ditadura do general Sisi! Apoiar a resistência iemenita contra a agressão da Al-Saud! Viva a terceira intifada na Palestina ocupada!

**Defender os direitos democráticos! Abaixo o estado de emergência em França! Abaixo todas as leis repressivas!*

**Parar o assédio contra os imigrantes muçulmanos! Mobilizar contra islamofobia e contra as campanhas racistas! Pelas unidades de autodefesa, formada por organizações do movimento operário e comunidades de imigrantes para proteger os campos de refugiados e mesquitas de ataques racistas!*

**Por um programa de igualdade revolucionário para os imigrantes! Pela abolição da língua Estatal e por igualdade de línguas nativas dos imigrantes na educação e na administração pública! Por igualdade de remuneração e igualdade de acesso à habitação! Por plenos direitos de cidadania para os imigrantes! Abaixo os controles nas fronteiras imperialistas - Pela abertura das fronteiras para os imigrantes e refugiados!*

**Parem a austeridade! Por manifestações de massa, por um aumento da quantidade de greves apontando por uma greve geral por tempo indeterminado! Pela construção de comitês de ação nos locais de trabalho, escolas e bairros para organizar a luta! Construir um movimento popular nos sindicatos para fazer avançar a luta contra a burocracia e para finalmente expulsá-la do movimento operário!*

**Abaixo União Europeia imperialista! Pelos Estados Unidos Socialistas da Europa!*

Por uma república de trabalhadores e camponeses no Magrebe e do Mshreq! Por uma Federação Socialista!

Nota: Enquanto o RCIT considera que a Rússia é imperialista, o ALS ainda está discutindo sobre isso.

Agrupación de Lucha Socialista (México): <http://www.agrupaciondeluchasocialista.wordpress.com>, luchasocialistas@gmail.com

Corrente Comunista Revolucionária Internacional (em inglês RCIT) (Paquistão, Sri Lanka, Brasil, Israel / Palestina Ocupada, Iêmen, Tunísia, EUA, Alemanha, Reino Unido e Áustria): <http://www.thecommunists.net>, rcit@thecommunists.net ■

Endereço de internet onde você pode acessar nossos jornais antigos: <http://www.thecommunists.net/publications>



Defender a Revolução Síria contra o Imperialismo Russo!

Parar os ataques aéreos dos EUA, do Reino Unido e dos franceses! Esmagar a Ditadura Assad!

Declaração da Corrente Comunista Revolucionária Internacional-CCRI (em inglês RCIT), 09/10/2015

1. Desde 30 de setembro, a força aérea russa está a realizar ataques em massa contra os rebeldes sírios, bem como contra a população civil. O regime de Putin transferiu cerca de 50 aviões e helicópteros militares, vários sistemas antiaéreos superfície-ar SA-22, tanques T-90, artilharia, BTR-82A Blindada de Transporte de Pessoal e várias centenas de fuzileiros navais para sua base militar naval em Tartus. Eles estão coordenando a sua intervenção militar estreitamente com tropas iranianas, juntamente com os açougueiros de Assad.

2. Essa invasão do imperialismo russo começou logo após o imperialismo britânico e francês juntarem-se aos EUA em sua campanha militar reacionária contra rebeldes islâmicos na Síria. Da mesma forma que Obama, Cameron e Hollande, Putin também justifica a sua intervenção como uma "luta contra o terrorismo do ISIS (Estado Islâmico)". Como em todos os outros casos, isso é uma mentira! A intervenção militar de Moscou é nada mais do que uma invasão a fim de salvar a ditadura sanguinária de Bashar al-Assad! Isso é comprovado pelo fato de que a maioria dos ataques aéreos russos não são dirigidos contra Daesh (o chamado "Estado islâmico"), mas contra as facções importantes dos rebeldes como *Jabhat al-Nusra*, *Ahrar al-Sham*, *o Exército Sírio Livre* e outros.

3. Isso não surpreende. O regime de Assad tem sido o aliado mais próximo da Rússia imperialista no Oriente Médio desde há muitos anos. A evolução nos últimos seis meses, como a libertação completa da província de Idlib pelos rebeldes e seus avanços para Latakia - área estrategicamente crucial para a sobrevivência do regime de Assad - soou o alarme entre os governantes em Damasco e em Moscou.

4. Além disso, o regime de Putin tem medo que uma derrota de Assad pelas mãos de um levante popular islâmico iria aumentar a instabilidade entre as minorias muçulmanas que compõem um sétimo (14%) da população da Rússia. Moscou teme, com razão, o ódio profundo de suas inúmeras minorias nacionais, uma vez que têm sido oprimidos por séculos (exceto no breve período da jovem União Soviética sob Lênin e Trotsky em 1917-1923). O símbolo mais bárbaro do domínio colonial da Rússia é a sua ocupação da Chechênia onde foram massacrados pelo menos um quinto dos pequenos povos chechenos e que estupraram e expulsaram a maioria do que restaram desde 1994. Enquanto os líderes mundiais todos permaneceram em silêncio, nenhuma pessoa com senso de justiça não pode e não vai esquecer tal genocídio - é um dos piores crimes da história da humanidade moderna!

5. No entanto, existem dois factores adicionais importantes que explicam o início da intervenção militar da Rússia. Em primeiro lugar, como o RCIT explicou muitas vezes, a Rússia - em conjunto com a China - é uma potência imperialista emergente, como já foi demonstrado durante a crise na Síria em setembro de 2013, assim como

pela anexação e intervenção da Crimeia e a participação de Moscou na guerra civil ucraniana. Ao mesmo tempo, o imperialismo dos EUA - hegemonia absoluta global por décadas - enfrenta um declínio a longo prazo do mesmo jeito que as grandes potências ocidentais europeias. Estes acontecimentos resultaram, entre outros fatos, em mudanças geopolíticas importantes no Oriente Médio. O Imperialismo norte-americano foi forçado a terminar a sua guerra fria contra o Irã e a Rússia construiu relações estreitas com a ditadura militar do general Sisi no Egito. Da mesma forma, Israel - mais importante aliado dos EUA na região - está agora a colaborar estreitamente com a Rússia na invasão na Síria.

6. Em segundo lugar, e relacionado a isso, Putin está habilmente explorando o beco sem saída estratégico em que o imperialismo dos EUA e da UE se envolveram. Nos anos 1990 e 2000 o imperialismo ocidental colaborou com Assad em várias questões, incluindo a guerra do Golfo em 1991, bem como o programa global de tortura da CIA., no entanto, quando a Revolução árabe começou em janeiro de 2011 e regimes após outros foram derrubados ou sofreram convulsões, Washington, Londres, Paris e Berlim esperavam manter sua influência na região através da construção de alianças com os setores mais corruptos da burguesia liberal e islâmica. Eles fingiram defender a "liberdade" e os "direitos humanos". Quando ficou claro que a revolta em massa dos trabalhadores e camponeses (fallahin) sírios foi uma dura realidade, o imperialismo ocidental desejava a substituição do fantoche de Moscou Assad pelo seu próprio fantoche. Enquanto Obama, Cameron e Hollande tentaram ganhar alguma influência entre os rebeldes principalmente através de apoio verbal (eles conseguiram treinar apenas algumas dezenas de rebeldes), o seu desejo principal era colocar um regime Assadista sem Assad no comando - ou seja, manter o aparelho de Estado e alterar apenas as principais figuras.

7. No entanto, esta estratégia do imperialismo ocidental falhou em todas as frentes até agora. Os poucos rebeldes treinados pelos EUA desertaram e entregaram suas armas para rebeldes islâmicos anti-ocidentais ou foram esmagados por este último. Além disso, a guerra civil na Síria custou até agora a vida de cerca de 250 mil sírios e transformou metade da população da Síria de 22 milhões em refugiados. Uma vez que os países vizinhos Líbano, Jordânia, Iraque e Turquia já receberam cerca de 4 milhões de refugiados, mais e mais sírios tentam entrar na Europa. Por sua vez, isto provocou uma crise política maciça na Europa e levou ao surgimento tanto de um movimento de massas de solidariedade em defesa dos refugiados, bem como de partidos da extrema direita racista. Por todas estas razões os governos ocidentais cada vez mais mudam sua tática e expressam agora o seu apoio a uma "solução política da guerra civil síria que inclua Assad". É provável que nos próximos meses haverá uma

disputa intensa entre as grandes potências em que, por um lado vão tentar aumentar a sua influência à custa dos outros (o que inclui também possíveis atritos militares entre elas). Por outro lado, estas grandes potências irão cooperar a fim de pacificar a guerra civil e para impor uma “solução política” reacionária em que terá a continuidade do aparelho de Estado Assadista (com ou sem Assad) no centro de tudo.

8. Não é de surpreender que todas as forças rebeldes sírias - desde os *Comitês de Coordenação Local da Síria*, a *Irmandade Muçulmana da Síria*, *Jabhat al-Nusra*, *Ahrar al-Sham*, até o *Exército Livre Sírio* - denunciam fortemente a invasão russa. Além disso, a oposição *Coalizão de Oposição Síria* e 70 formações de rebeldes armados emitiram uma declaração em que declararam a sua decisão de acabar com a cooperação de iniciativa do enviado da ONU Staffan de Mistura*.

9. A *Corrente Comunista Revolucionária Internacional-CCRI (RCIT)* denuncia fortemente a invasão russa, bem como a intervenção imperialista ocidental na Síria. Continuamos a apoiar a revolução síria. É verdade que muitas facções do dividido movimento rebelde seguem uma agenda islamita pequeno-burguesa que nós, como comunistas, não compartilhamos. Mas este é o trágico resultado da falta de uma liderança revolucionária na Síria e não uma falha das massas populares! É um fato vergonhoso que os “comunistas” da Síria (ou seja, os dois partidos stalinistas “) apoiam a ditadura de Assad desde há décadas. Em tal situação, os islamitas manobram falsamente para apresentar-se como a única força lutando contra a ditadura de Assad, bem como opondo-se tanto ao imperialismo ocidental quanto ao imperialismo russo. No entanto, esses reveses políticos não mudam o fato de que os trabalhadores sírios e fallahin continuam a lutar contra o regime de Assad para a sua liberdade e enxergando os rebeldes como sua liderança.

10. O RCIT continua a apoiar a luta do povo curdo pela sua auto-determinação nacional. Isso inclui apoiar a luta militar legítima de forças curdas contra aqueles que tentam suprimir este direito (como Daesh-Estado Islâmico, por exemplo). No entanto denunciamos veementemente a liderança nacionalista pequeno-burguesa do YPG / PKK, que colabora abertamente com o imperialismo dos Estados Unidos em sua campanha militar contra os islamitas na Síria, e que falhou durante anos em não se juntar à luta contra a ditadura de Assad. É característico do oportunista pequeno-burguês e da natureza principais setores da esquerda internacional que acriticamente saúdam o PKK e sua chamada “revolução” no Curdistão sírio.

11. Os socialistas na Síria e em âmbito internacionalmente deveriam se manifestar para apoiar a revolução síria e a luta dos rebeldes contra Assad, assim como contra o reacionário Salafista-Takfiri Daesh, o chamado Estado Islâmico. O RCIT apoia a resistência dos rebeldes, tanto contra o imperialismo russo, bem como contra os EUA, o britânico e contra os imperialistas franceses. Ao mesmo tempo, os socialistas têm que lutar contra a agenda política da liderança dos rebeldes. É urgente apoiar todas as medidas para reforçar as estruturas de auto-governo local. É crucial construir os conselhos e as milícias locais, a fim de quebrar a influência sobre a revolução dos islamitas militaristas pequeno-burgueses e das facções seculares (não religiosas). Esta é

a única perspectiva de avançar na luta por uma república dos trabalhadores e fallahin na Síria e por uma federação socialista do Oriente Médio. Em qualquer possível confronto entre as forças militares russas e ocidentais, os revolucionários não devem apoiar um ou outro lado, mas se oporem a ambos, uma vez que ambos são imperialistas reacionários e inimigos da revolução síria.

12. Denunciamos a esquerda pró-russa social-imperialista - como os adeptos stalinistas do Castro-Chavismo, assim como as cabeças centristas confusas que apoiam o regime supostamente anti-imperialista de Putin e Xi (China), etc. - que elogiam o regime de Assad e o apoio russo a ele. O autentico marxismo é incompatível com dar apoio para uma das grandes potências imperialistas, bem como dar apoio para uma ditadura em luta reacionária contra a revolta de sua própria classe operária e do seu campesinato!

13. O RCIT chama socialistas de combinarem a solidariedade internacionalista com a revolução síria, com apoio contínuo para a luta palestina de libertação contra o Estado sionista, com a resistência popular contra a ditadura egípcia e com a guerra de libertação iemenita contra a invasão estrangeira da gangue Al-Saud. Ao mesmo tempo, os socialistas na Europa devem participar do movimento de solidariedade pró-refugiados e lutarem por uma perspectiva da classe trabalhadora e internacionalista.

14. Os mais importantes revolucionários devem se unir com base em um programa internacional que inclua a solidariedade com a Revolução Árabe, a luta pela revolução permanente pelo poder da classe trabalhadora e contra o imperialismo tanto ocidental como oriental. O RCIT chama os revolucionários ao redor do mundo para se juntarem a nós na luta por um novo partido mundial da revolução socialista!

15. O RCIT chama os socialistas autênticos, todos os trabalhadores e os pobres e oprimidos para lutar junto com a gente para:

* *A vitória da Revolução síria! Abaixo a Ditadura de Assad!*

* *Derrotar os russos, os EUA, o Reino Unido e intervenção militar francesa!*

* *Não ao sectarismo reacionário! Abaixo o Salafi-Takfiri Daesh-Estado Islâmico!*

* *Pelas milícias de Trabalhadores e conselhos Fallahin(camponeses)! Por um Governo de Trabalhadores aliado à Fallahin com base em conselhos e as milícias locais!*

* *Pela a solidariedade internacional com o movimento rebelde sírio e o movimento popular! Ajuda militar ao movimento rebelde, sem restrições!*

* *Pela solidariedade internacional do movimento operário com seus irmãos e irmãs no Egito!*

* *Abaixo o Estado Sionista de Apartheid ! Solidariedade com a luta de libertação palestina! Por uma Palestina livre, Vermelha, desde o rio até o mar!*

* *Defender o Iêmen contra a Gangue dos agressores de Al-Saud!*

* *Renovar e ampliar a Revolução Árabe que teve início em 2011! Por uma federação socialista do Oriente Médio!*

* *Avançar na construção de um partido revolucionário no Egito, Síria e internacionalmente! Pela revolucionária Quinta Internacional dos Trabalhadores!*

Defender Yemen contra a gangue de agressores de Al-Saud!

Abaixo as divisões sectárias e a Guerra Civil! Por um Governo Popular e dos Trabalhadores!

Declaração conjunta do Secretariado Internacional da CCRI e da seção RCIT do Yemen, 03/04/2015

1. Desde a noite de 25 de março, uma aliança militar de potências reacionárias estrangeiras têm atuado atacando o Iêmen. Esta gangue de agressores é liderada pelo reino da Arábia Saudita e inclui todas as outras monarquias da Península Árabe (exceto Omã) juntamente com os reacionários regimes do Egito, Jordânia, Sudão, Marrocos e Paquistão. Além disso, esse ataque é apoiado também pelas potências imperialistas tais como os EUA, a Grã-Bretanha e a França, assim como Israel. Em um ataque o qual Riad apelidou de “Operação Tempestade Decisiva”, por volta de cem aviões de guerra sauditas junto com forças aliadas estão atacando o avanço dos rebeldes Houthi em sete diferentes cidades do Iêmen. Durante os nove primeiros dias desta agressão, eles mataram pelo menos 519 pessoas, inclusive muitas crianças, e feriram mais de 1.700. O Egito também enviou navios de guerra para a costa do Iêmen. Além disso, a Arábia Saudita reuniu por volta de 150.000 tropas em volta da sua fronteira com o Iêmen, também o Egito, a Jordânia, e o Paquistão expressaram seu pronto desejo de tomar parte em uma grande ofensiva.

2. A Corrente Comunista Revolucionária Internacional (RCIT) convoca os democratas, anti-imperialistas e socialistas no Iêmen e no mundo árabe a defender a independência nacional do Iêmen e dar apoio à derrota dos agressores reacionários de Al-Saud.

3. Enquanto a atual guerra no Iêmen reflete diferentes pontos de conflitos, no momento presente o mais fator é o ataque das potências arqui-reacionárias estrangeiras contra a independência do Iêmen com o objetivo de instalar seu lacão reacionário, “presidente” Abd Rabbu Mansour al-Hadi. Enquanto o rei saudita Salman e outros reacionários xeiques do petróleo alegam ter lançado uma operação “antiterrorista”, eles na verdade representam os antigos regimes. Eles representam a aliança das classes dominantes as quais têm seu núcleo a decadente e corrupta monarquia saudita e outras monarquias do Golfo as quais, sem pudor, apoiam ditadores exilados tais como o ex-líder da Tunísia Bem Ali, além disso, financiaram o sangrento golpe de Estado do general al-Sisi no Egito em 03 de julho de 2013, o qual até agora levou ao massacre de mais de 6.000 pessoas, e esmagou a revolta popular no Bahrein em março de 2011. Sintomaticamente, esse mesmo regime de al_Sisi é uma parte integrante da gangue de agressores. Eles são acompanhados pela monarquia ultra-reacionária, pró-ocidental do Marrocos, a qual possui décadas de experiência em opressão nacional contra o povo Sahrawi, na parte oeste do Saara (da mesma forma sob o pretexto de “operações anti-terroristas”. Finalmente, esta aliança fica completa pelo regime do Paquistão do Primeiro Ministro Nawaz Sharif, que de tempos em tempos lança “operações anti-terroristas” contra seu próprio povo no Baloquistão, no Waziristão e em Khyber Paktunkhwa. O Paquistão tem relações próximas com o reino saudita de quem

precisam desesperadamente dos petrodólares. Soma-se a isto o fato de que os militares paquistaneses possuem um longo histórico de enviar tropas para socorrer as corruptas monarquias do Golfo, as mesmas que têm poucas razões para confiar em seu próprio povo. (Da última vez que o Paquistão fez isso foi durante a repressão contra-revolucionária da Revolução no Bahrein.

4. Para resumir, essa gangue de agressores de al-Saud representa a mais recente ação de contra-revolução, o desejo das velhas classes dominantes de esmagar a Revolução Árabe, e retornar à ordem de antes de 2011. No mesmo contexto, devemos ver a reacionária iniciativa de al_Sisi e do rei Salman no recente encontro da Liga Árabe em formar uma força conjunta militar contanto por volta de uma tropa de elite com 40.000 membros, apoiados por jatos, navios de guerra e armas leves.

5. A aliança reacionária de reis e ditadores decidiu invadir o Iêmen após o seu fantoche, Abd Rabbu Mansour al-Hadi, ter fugido do país quando os rebeldes alcançaram a região sul de Áden. Como resultado da queda de Hadi, o imperialismo americano foi forçado a remover seus operativos de pessoal militar e de inteligência do Iêmen. Além disso, os EUA, a França, a Turquia e as potências aliadas europeias fecharam suas embaixadas em Sanaá. O rei Salman e seus cúmplices estão determinados a controlar o país pela ocupação de partes dele com o envio de tropas forçando os rebeldes a aceitar negociações, as quais poderiam resultar no regresso de al-Hadi ao poder, o qual perdeu o apoio da população como presidente da nação.

6. A gangue agressora se esforça para subjugar Iêmen não somente para dar um outro golpe na Revolução Árabe, mas também controlar uma nação a qual está estrategicamente localizada para o comércio mundial. Quem vier a controlar o estreito de Bab al-Mandab controlará conseqüentemente o Golfo de Áden e as ilhas Suqtra. Além disso, quem vier a controlar o estreito de Bab al-Mandab também controlará o caminho ao sul do canal de Suez. É por esse motivo que as potências imperialistas apoiam a guerra da Arábia Saudita contra o Iêmen.

7. A aliança saudita teme que a vitória do movimento Houthi possa levar a um fortalecimento do poder regional do Irã e dessa forma levar a um enfraquecimento dos velhos rivais, ou seja, a própria Arábia Saudita e Israel. Esse temor aumentou com a recente conclusão do acordo entre as grandes potências e o Irã sobre o mais recente desenvolvimento e uso da energia nuclear.

8. O povo iemenita compreende bem que a atual agressão saudita é um ataque à sua independência nacional. Isso se reflete pela enorme manifestação de massa em Sanaá no dia primeiro de abril, assim como manifestações similares em Taízz e Amram. As pessoas presentes cantaram “Morte aos EUA!”, “Morte a Israel!” e “Abaixo a agressão saudita!”. Um outro slogan popular dizia “Desde Saná até Qatif, a

Revolução não vai parar!”, referindo-se à cidade de Qatif na parte leste da Arábia Saudita. Existem chamamentos populares pelo boicote a produtos originários de países que participam do ataque da aliança saudita. Desde o começo do ataque saudita tem havido importantes mudanças na consciência política do povo iemenita. Hoje, muitas pessoas que no passado não apoiavam os rebeldes houthis, inclusive muitos sunitas, assim como os apoiadores do velho Partido Socialista (o qual governou o Iêmen do Sul até 1990), agora veem o ataque estrangeiro como a questão mais importante. Hoje, a maioria do povo iemenita, tanto xiitas como sunitas, dão apoio a luta militar levada pelos houthis contra a agressão saudita.

9. A agressão estrangeira transformou a natureza da guerra civil. Tal como o RCIT elaborou em declarações passadas, o levante popular contra o “presidente” al-Hadi no outono de 2014, depois de brutal aumento de preços, tinham um caráter democrático e legítimo. Al-Hadi foi durante 17 anos deputado do deposto ditador Ali Abdulla Saleh e chegou ao poder como resultado de um acordo arranjado pelos sauditas após a Revolução Iemenita que forçou Saleh a fugir do país em 2011. Os socialistas apoiam a Revolução Iemenita, assim como o levante popular contra al-Hadi, e lutaram por um programa independente da classe operária. Mais tarde, quando o movimento Houthi tomou o poder, o conflito se transformou numa sectária guerra civil na qual os socialistas não poderiam dar apoio a nenhum dos lados. No entanto, com o início da agressão saudita, o caráter da guerra civil se transformou novamente. Agora tornou-se somente uma guerra de defesa nacional contra a agressão estrangeira da gangue de al_Saud.

10. Os recentes acontecimentos também demonstram mais uma vez o declínio dos EUA como a potência imperialista hegemônica. Os EUA estão cada vez menos capazes de fazer guerras usando suas próprias tropas, mas pelo contrário está sendo forçado a remover suas tropas (Iraque, Afeganistão) e dependem de forma cada vez mais crescente de forças militares dos seus aliados (ou seja, do exército do Iraque contra o levante sunita, dos sauditas contra o Iêmen). Além disso, é forçado a buscar compromissos com ex-adversários tais como o reacionário ditador do regime sírio al-Assad, ou o regime dos Aiatolás do Irã. Igualmente, os EA sofreram um revés com o II acordo de Minsk, o qual temporariamente pacificou a guerra civil em Ucrânia. Ao mesmo tempo, as novas potências imperialistas, Rússia e China, jogam um crescente papel na política e na economia mundial.

11. O RCIT convoca os socialistas a dar apoio a guerra justa de defesa nacional e pela derrota da gangue de agressores de al-Saudi. Os socialistas devem dar apoio à luta militar liderada pelos rebeldes Houthi contra os agressores e seus lacaios iemenitas, porém sem dar qualquer apoio político aos houthi. Os revolucionários devem convocar a liderança Houthi de fornecer armas aos trabalhadores e oprimidos auxiliar na formação de milícias populares. Eles (os revolucionários) também devem se opor ao confuso anti-sionismo (o qual está absolutamente correto) misturado com o chauvinismo anti-judeu, o qual se expressa em slogans tais como ‘Malditos judeus!’ O que é completamente reacionário. É errado identificar todos os judeus como sionistas (assim como também faz o estado de Israel), como é possível ver pela tradicional (e atualmente

crescente) rejeição do sionismo por uma parcela de setores e indivíduos judaicos. Os socialistas devem alertar que a liderança Houthi é uma força islamita pequeno-burguesa que está determinada a construir um Iêmen capitalista. A natureza reacionária da liderança Houthi está também refletida pela sua bizarra aliança com o deposto ditador do Iêmen Ali Abdulla Saleh contra quem lutou por seis guerras civis durante a última década. Saleh governou brutalmente o Iêmen do Norte de 1978 até 1990 e o país inteiro após a unificação até a Revolução de 2011. É crucial que as forças progressistas na luta no Iêmen superem divisões sectárias religiosas e lutem pela unidade da classe trabalhadora e das massas populares.

12. Os socialistas devem lutar por uma revolucionária assembleia constituinte. Seus delegados devem ser controlados e substituídos pelas massas populares. Esta assembleia deve montar uma nova constituição para o país, uma constituição que deverá unir os trabalhadores e os pobres independente de suas crenças religiosas. Os revolucionários deverão lutar internamente nesta assembleia por um programa socialista.

13. A tarefa da classe trabalhadora e dos camponeses e dos pobres é avançar pela formação de suas organizações independentes. Eles devem lutar pela fundação por novos e populares Conselhos de Ação assim como milícias armadas populares. Tais conselhos devem estar baseados e assembleias regulares de trabalhadores nos lugares de trabalho e das massas nos bairros e vilas. Obviamente tais Conselhos e Milícias cedo ou tarde entrarão em conflito com a liderança pequeno-burguesa Houthi, a qual está tentando burocraticamente controlar a resistência popular. O objetivo final deve ser a liderança Houthi e avançar para uma “Segunda Revolução” que resultaria na formação de um governo de trabalhadores e camponeses. Tal governo não deverá confiar no velho e corrupto exército, mas no poder dos Conselhos Populares e Milícias (populares) armadas. Tal governo deverá romper com a dependência do Iêmen com relação aos monopólios dos países imperialistas e deverá nacionalizar os setores-chaves da economia sob controle dos trabalhadores.

14. Os socialistas devem combinar um programa de defesa do Iêmen contra a agressão Saudita com uma solidariedade internacional com a Resistência Palestina contra a ocupação sionista, contra a agressão imperialista no Iraque e Síria liderada pelos EUA, ao mesmo tempo, apoiar a Revolução Síria contra a ditadura de al-Assad, apoiar a resistência popular no Egito contra o regime militar e lutar por uma Segunda Revolução na Tunísia contra o retorno da velha guarda de Bem Ali. O RCIT convoca os revolucionários a decididamente se opor aos falsos partidos “socialistas” e “comunistas” na Síria e no Egito, os quais dão apoio às ditaduras reacionárias de al-Assad e al-Sisi. Nós também alertamos contra os partidos reformistas da esquerda da Europa que falharam na luta contra as guerras coloniais dos EUA, França e Israel contra a onda de ataques sobre os imigrantes muçulmanos na Europa, e também alertamos contra o Hadash (Partido Frente democrática de Paz e Igualdade-Israel) e contra a CIT - Comitê por uma Internacional dos Trabalhadores (em inglês- CWI) que apoiam a existência do estado sionista do Apartheid de Israel.

15. O mais importante, os trabalhadores precisam de um novo partido que seja independente dos capitalistas,

independente das instituições imperialistas e dos partidos burgueses. Tal partido deve estar baseado na classe trabalhadora e reunir os camponeses oprimidos e os pobres. Esse partido deve lutar contra qualquer divisão sectária tendo por base convicções religiosas. Seu objetivo deve ser a vitória da Revolução Socialista. Tal partido Revolucionário do Trabalhadores deve se orientar para unir sua luta com os trabalhadores e oprimidos de outros países - desde a Palestina e o Egito, passando pelo Brasil, China, Grécia e os EUA. Para atingir esses fins deve fazer parte da Quinta Internacional dos Trabalhadores. O RCIT chama os revolucionários no Iêmen, assim como os revolucionários no mundo árabe a se juntar a nós na luta por um programa internacionalista, anti-imperialista e socialista, e para construir uma organização comum internacional na orgulhosa tradição do partido bolchevique de Lenin e da Quarta Internacional de Trotsky.

16. O RCIT chama os autênticos socialistas, todos os trabalhadores, os pobres e oprimidos a:

** Defender o Iêmen contra a gangue agressora de al-Saud! Chama a apoiar a resistência liderada pelos rebeldes Houthis, sem, no entanto, não dar qualquer apoio político às suas direções! Não ao retorno do "presidente" laçao reacionário al-Hadi!*

** Apoiar a campanha popular para boicotar os produtos fabricados por países que participam na agressão liderada pelos sauditas!*

** Por um movimento de massa que unifique os trabalhadores xiitas e camponeses, baseados na solidariedade e respeito entre todos os grupos!*

** Por uma Assembleia Constituinte em que os delegados devam ser controlados e possam ser substituídos pelas massas populares!*

** Pela criação de Conselhos de Ação Popular e Milícias Armadas para defender o Iêmen contra a agressão Saudita e avançar para a Segunda Revolução!*

** Por um governo dos Trabalhadores e Camponeses defendido pelas Milícias Populares que expropriarão as corporações estrangeiras e os ricos capitalistas nacionais! Pela nacionalização das indústrias-chave e dos bancos sob o controle dos trabalhadores!*

** Defender Gaza! Derrotar Israel! Por um boicote Internacional contra Israel! Por uma Palestina Livre e Vermelha!*

** Abaixo a ditadura reacionária militar de al-Sisi no Egito!*

** Por uma Segunda Revolução no Egito!*

** Abaixo com a reacionária monarquia da Arábia Saudita!*

** Derrotar a aliança de laçaios do imperialismo do general Haftar na Líbia!*

** Não ao sectarismo reacionário! Abaixo o Salafi-Takfiri Daash!*

** Renovar e ampliar a Revolução Árabe que se iniciou em 2011!*

** Por um Iêmen unificado como parte de uma federação Socialista do Oriente Médio!*

** Avante pela construção de um Partido Revolucionário como parte da Quinta Internacional!*

Para nossas análises da Revolução iemenita recomendamos os seguintes links (em inglês):

RCIT: Iêmen: Abaixo o aumento dos preços! Por uma Segunda Revolução para estabelecer um governo de trabalhadores e camponeses! 09/03/2014 . <http://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/yemen-uprising/>

Iêmen: Os protestos de massa continuam, um informe de um simpatizante do RCIT, 09/04/2014. Revista Revolutionary Communism No. 27, <http://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/yemen-report-4-9-2014/>

Para ler os documentos do RCIT sobre a agressão imperialista no Oriente Médio e a Revolução Árabe, leia, entre outros:

* RCIT: Unidade Revolucionária para Avançar a Luta de Liberação. Carta Aberta para todos os revolucionários e organizações a ativistas no encontro do Fórum Social Mundial em Túnis de 24 a 28 de março de 2015. Na revista Revolucionário Comunismo número 33 (Em Português) e no link: <http://www.thecommunists.net/home/portugu%C3%AAs/wsf-tunis-statement/>

* RCIT: Perspectivas para a Luta de Classes no Aprofundamento da Crise na Economia do Mundo Imperialista e das políticas: Estas grandes e recentes desenvolvimentos no contexto mundial e suas perspectivas adiante, 11 de janeiro de 2015 na revista: Revolutionary Communism número 32, ou no link: <http://www.thecommunists.net/theory/world-situation-january-2015/>

* RCIT: Derrotar a Nova Cruzada de Obama no Oriente Médio! Por um Movimento de \Massa Internacional para derrotar a ofensiva das grandes Potências Ocidentais! Apoiar a Luta dos Curdos por um Estado Independente! Não à perseguição aos muçulmanos nos países ocidentais! 18/09/2014 na revista Revolucionário Comunismo, número 27, e no link: <http://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/obama-s-new-crusade/>

* RCIT: Defender o Iraque contra outra agressão do Imperialismo americano! Apoiar os Curdos no seu direito à Auto-Determinação contra o Estado Islâmico! Unificar a Luta contra o ataque dos EUA contra a Resistência Palestina a Israel! Na revista Revolucionário Comunismo, número 26, e no link: <http://www.thecommunists.net/worldwide/africa-and-middle-east/defend-iraq-against-us/> ■

SOLIDARITY WITH THE RESISTANCE!

DEFEAT THE KINGS AND DICTATORS!

**NO WAR
AGAINST YEMEN!**



RCIT/CCRI

www.thecommunists.net

Revolução e Contra-Revolução no Mundo Árabe: Um crucial teste para os Revolucionários

Resolução do Comitê Executivo Internacional da Corrente Comunista Revolucionária Internacional (CCRI), 31.5.2015

1. O processo da Revolução Árabe - marcado por lutas heroicas das massas, em vitórias parciais, assim como derrotas contrarrevolucionárias - é o mais importante evento de luta de classes desde o início do novo período histórico da decadência capitalista em 2008. Têm sido um teste crucial para revolucionários em todo o mundo. Nós confirmamos as conclusões e análises programáticas do RCIT para a Revolução Árabe assim como foram elaborados em nossos vários documentos nos últimos anos. Compreender essas lições assim como adotar o programa correto para o próximo período é crucial para os revolucionários no sentido de encontrar o caminho para os futuros turbulentos eventos de lutas de classe.

UMA REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA INCOMPLETA EM PERIGO DEVIDO À CONTRA-REVOLUÇÃO APOIADA PELO IMPERIALISMO.

2. Há aproximadamente quatro anos e meio, a Revolução Árabe se iniciou na Tunísia e rapidamente se espalhou pelo Egito, Líbia, Bahrein, Síria e Iêmen. Suas causas fundamentais foram uma combinação de:

- i) A fúria das massas populares após décadas de empobrecimento.
- ii) O sofrimento decorrente da tirania de corruptas ditaduras, as quais eram todas lacaias servis do imperialismo.
- iii) A derrota dos Estados Unidos como potência imperialista hegemônica (Afeganistão, Iraque) assim como a derrota de Israel, o estreito aliado ocidental e pequeno estado imperialista da região (Guerras do Líbano e Gaza) – consequentemente as massas árabes foram encorajadas pelo visível enfraquecimento das potências imperialistas ocidentais no papel de tradicionais apoiadores dos ditadores árabes.
- iv) Finalmente incentivando a luta de libertação pelas convulsões fundamentais do mundo imperialista desde o começo do novo período histórico revolucionário em 2008.

3. Ao mesmo tempo em que os trabalhadores e os pobres obtiveram sucessos em alguns países- pelo menos temporariamente- em derrubar velhas ditaduras e conseguindo certos direitos democráticos, em nenhum lugar tiveram sucesso em completar a revolução democrática, muito menos acabar com a pobreza e a super-exploração pelos monopólios imperialistas e as grades potências. Isto somente seria possível ao fazer a revolução permanente, assim como Leon Trotsky – líder da Revolução de Outubro (Rússia, 1917) junto com V.I.Lenin- já explicada quase um século atrás. Tal revolução permanente comporta o caráter de uma revolução social vitoriosa.- combinando a luta por direitos democráticos com a expropriação dos monopólios imperialistas e da burguesia interna e a destruição do aparato do velho estado capitalista. Desta forma, abrindo o caminho para a criação de repúblicas de trabalhadores e camponeses e

a formação de federação socialista do Magreb e Mashreq (*ambos respectivamente constituem o mundo árabe entre o Norte de África e Oriente Médio*).

4. Em vez disso, os levantamentos populares espontâneos da revolução árabe foram logo sequestrados por vários tipos de lideranças burguesas e pequeno-burguesas. Alguns fomentaram a ilusão que as lutas das massas podem ser vitoriosas por meio de mobilizações pacíficas e através de se organizando através de redes sociais. Outros propagaram pela orientação à democracia parlamentar e o ao liberalismo. Outra tendência foi a orientação para uma combinação de democracia burguesa e agenda religiosa (*al-Ikhwan-Irmandade Muçulmana e Ennahda-Partido do Renascimento-Tunisia*). O que essas orientações tinham em comum era:

- i) A recusa em esmagar o velho aparato estatal-costumeiramente dominado pela burocracia das forças de repressão e intimamente alinhadas com os grandes capitalistas internos, assim como alinhadas com as potências imperialistas.
- ii) A aceitação da propriedade de setores chaves da economia por corporações privadas.

5. A predominância de setores burgueses e pequeno-burgueses sobre os movimentos democráticos populares asseguraram que eles falhariam de seguir adiante no processo revolucionário. Como resultado, os avanços iniciais revolucionários dos trabalhadores e dos pobres- levando à derrubada de Bem Ali, Mubarak, Kadaffi e Saleh em 2011- foram em vão. Em muitos casos eles foram contidos por novos regimes burgueses. Estes regimes, ao mesmo tempo em que foram forçados a permitir mais direitos democráticos – refletindo a força da luta do povo – prepararam novos ataques contra os trabalhadores e os pobres em nome do imperialismo (Líbia depois de Kadaffi, Morsi no Egito, *Ennahda* na Tunísia, al-Hadí no Iêmen). No Bahrein o levante popular foi esmagado pelo reino saudita em nome do imperialismo em março de 2011.

O ESTADO DO PROCESSO REVOLUCIONÁRIO

6. Mais tarde, em julho, a elite governante do *Egito* liderada pelo general al-Sisi e apoiada pelas potências imperialistas derrubou o governo de Mursi e instalou uma sangrenta ditadura. A razão disso foi que o governo burguês islamita refletiu um certo equilíbrio: Por um lado o governo al-Ikwhwan assegurou a continuação do poder pela elite governante; e por outro lado teve que fazer certas concessões às lutas populares refletidas em relativa liberdade- comparado aos tempos de Mubarak antes e al-Sisi depois- possibilitando manifestações e greves, o movimento militante de protesto na embaixada dos EUA em setembro de 2012 e na embaixada de Israel em novembro de 2012 assim como o alívio do isolamento de Gaza. Cedo ou tarde a classe dominante e seus mestres imperialistas teriam que resolver este equilíbrio instável

em favor de uma sangrenta ditadura. O golpe estado de 03 de julho de 2013 representou uma derrota estratégica para a classe operária do Egito e os oprimidos. Vergonhosamente muitos democratas pequeno-burgueses, liberais e centristas falharam em se opor ao golpe e, pior, alguns, como por exemplo, o movimento secularista *Tamerod*, o Nasserista *Hamdeen Sabahi*, o Partido Comunista do Egito, o pseudo-trotskyista Socialistas Revolucionários (IST) e o IMT de Alan Woods até mesmo saudaram o golpe como uma “*Segunda Revolução*”! Os socialistas autênticos tiveram que lutar contra a ditadura militar e se juntarem aos numerosos protestos de massa. Ao mesmo tempo em que nós politicamente somos oposição ao al-Ikhwan, nós os defendemos contra o terrorismo de estado. O RCIT chama pelas organizações independentes da classe operária e dos oprimidos (sindicatos independentes, comitês de fábricas, movimentos de mulheres, novos partidos operários) no sentido de lutar por direitos democráticos e avançar na luta pelo poder dos trabalhadores.

7. O Iêmen é atualmente um dos países chave do processo revolucionário no mundo árabe. Após o primeiro levante popular em 2011, uma segunda onda de protestos de massa - tanto contra aumento de preços quanto contra o governo de al-Hadi - iniciou-se em agosto de 2014 que no final obteve sucesso em expulsar o governo. Enquanto no subsequente conflito estava contido o perigo de uma divisão sectária entre xiitas e sunitas, a guerra de agressão saudita que começou em 25 de março revitalizou o processo revolucionário. De fato, isso abriu uma nova fase da Revolução Iemenita. Os Socialistas apoiaram a Revolução Iemenita assim como o levante popular contra al-Hadi e lutaram por um independente programa político da classe trabalhadora. Ao mesmo tempo que os socialistas não poderiam apoiar qualquer setor num conflito sectário, o ataque da gangue de al-Saud é totalmente reacionário, o que faz da defesa do Iêmen uma tarefa para a classe operária internacional e os oprimidos. Nós damos apoio crítico à luta de defesa nacional liderada pelo movimento Houthi. Este último é um movimento islamita pequeno-burguês que surgiu durante os protestos contra o apoio do ditador Saleh à guerra conduzida no Iêmen desde 2001. O grupo Houthi participou na revolução em 2011 assim como nos levantamentos de massa iniciados em agosto de 2014. Nós condenamos fortemente a atual coalizão do grupo Houthi com as forças de Saleh. Nós chamamos por um independente programa político de luta para o operário e os camponeses. O RCIT no Iêmen denuncia a liderança do ex-estalinista *Partido Socialista do Iêmen* que se acomodou junto ao reino saudita e se opõe a qualquer autêntica luta pela instalação de uma república operária e camponesa. Nós também criticamos o documento conjunto dos Revolucionários Socialistas (IST do Egito) e da Liga dos Trabalhadores de Esquerda (mandelistas na Tunísia) e outros grupos que falharam em ficar ao lado da resistência nacional iemenita contra a agressão saudita. (Declaração de abril de 2015).

8. Na Síria o regime de Assad reagiu com um massivo terror aos pacíficos e democráticos protestos de massa em 2011. Isto inevitavelmente levou a uma guerra civil e à militarização da luta de libertação. Assad tentou afogar as massas revolucionárias em sangue e nessa empreitada recebeu massivo apoio militar do imperialismo russo, assim como dos seus aliados regionais, tais como os

regimes de Teerã, Bagdá e o movimento libanês hezbollah. Ao mesmo tempo que, felizmente, Bashar al-Assad falhou em esmagar a revolução, ele obteve sucesso em transformar a luta numa guerra civil, e dessa forma, ajudando as forças islamitas pequeno-burguesas a ganhar influência entre as massas. Isto levou a um massivo enfraquecimento dos comitês locais originados de forma espontânea durante a luta das massas. Por causa da ausência de uma liderança revolucionária, muitos lutadores contra a ditadura se juntaram as organizações islamitas, as quais pareciam ter uma característica mais militante menos corruptas do que vários grupos pró-ocidentais. No entanto, estas organizações - frequentemente seguindo uma orientação salafista - suprimiu qualquer tentativa de organização independente das massas e direcionaram para uma política sectária contra os grupos não sunitas. Eles atualmente são o principal obstáculo dentro da luta de libertação contra o regime de Assad. Democracia e justiça social autênticas podem ser conquistados apenas se eles forem substituídos por uma liderança revolucionária. A guerra civil na Síria foi significativamente influenciada pela rivalidade entre as potências imperialistas - mais evidente entre EUA e Rússia. Bashar al-Assad está fortemente alinhado com Moscou. O imperialismo ocidental oscilou entre encontrar uma maneira de se livrar de Assad - preferivelmente através de um golpe de estado de forças dentro do aparato estatal baathista - e entre encontrar um compromisso com Assad tido como o mal menor entre dois demônios (ou seja, quando comparado com os rebeldes islamitas).

9. Na Tunísia o levante popular em dezembro de 2010 e janeiro de 2011 obteve sucesso em acabar com a ditadura de Bem Ali. No entanto, assim como nos outros países, a classe operária falhou em esmagar o velho aparato e expropriar os grandes capitalistas e proprietários latifundiários. O governo Ennahda (corrente sunita) fez grande esforço para estabilizar o país no interesse do imperialismo e da burguesia doméstica. Usou de frases religiosas no intuito de fazer as massas populares acreditarem que não era um regime que trabalhava pelos interesses dos gananciosos ricos. Durante o seu governo, dois proeminentes líderes da oposição progressista - Chokri Belaid e Mohamed Brahmi - foram mortos muito provavelmente pelas mãos de salafistas reacionários. No entanto, o governo Ennahda não era visto pela maioria da burguesia doméstica e pelo imperialismo como seu preferido para um regime fantoche, uma vez que sob seu governo o aparato estatal não poderia exercer o mesmo poder executivo como era nos dias de Bem Ali. Desta forma, a classe dominante começou uma campanha contra o governo Ennahda e finalmente obteve sucesso em trazer de volta a velha-guarda de Bem Ali ao poder através do governo burguês pró-imperialista de do Partido *Nidaa Tounes* - “*Partido-O chamado da Tunísia*. Sintomaticamente, o partido oportunista Ennahda se juntou a este governo como um parceiro menor. Vergonhosamente, um número significativo de partidos de esquerda - muitos de tradição Hoxhaista (partidários de Enver Hoxha - falecido antigo líder estalinista de Albânia) e influenciados pelo nacionalismo burguês na tradição de Nasser e Saddam Hussein - deram apoio a Nidaa Tounes em sua luta pelo poder contra o Ennahda. Isto reflete as raízes profundas da estalinista estratégia de Frente popular, ou seja, a política de subordinar a classe operária a uma aliança com um

setor da burguesia. Sintomaticamente, a principal aliança de esquerda – uma coalizão de partidos reformistas e partidos centristas operários com as pequenas-burguesias nacionalistas – é denominada Frente Popular pela realização dos objetivos da revolução (al-jabha). A RCIT e Tunísia se opõe a tais alianças políticas com organizações de classe não-operárias. Nós chamamos pela criação de um novo Partido Operário- algo que poderia começar pela iniciativa de vários partidos de esquerda e setores radicais da Central Sindical UGTT, baseado num programa revolucionário.

10. Na *Líbia*, a revolução não terminada em 2011, a falha da classe operária em tomar o poder, e a desesperada tentativa do imperialismo ocidental de instalar um regime fantoche resultou numa aberta guerra civil. Os EUA e a União Europeia-EU, assim como os reacionários regimes do reino saudita e da ditadura egípcia, apoiam o pseudo-governo pró-imperialista liderado pelo general Haftar baseado em Trobuk e que tem muitos ex-membros das forças de Kadafi entre suas fileiras. Os imperialistas ocidentais, assim como o general al-Sisi tentar usar o crescimento dos reacionários salafistas-Takfiri Daash para justificar uma intervenção militar estrangeira. O governo em Trípoli é liderado por forças islamitas burguesas denominadas Fajr Líbia (Alvorecer Líbia) e que representa muitos rebeldes que se opõem tanto à intervenção imperialista ocidental quanto à contínua influência das forças ex-Kadafi no aparato estatal. Nesse contexto os socialistas devem mobilizar a classe operária e as massas oprimidas para defender a Líbia contra qualquer agressão pelas potências imperialistas, assim como contra os lacaios reacionários como a ditadura militar egípcia do general al-Sisi e contra as forças de Trobuk do general Haftar.

11. No seu todo, a Revolução Árabe sofreu um número significativo de derrotas e abertos movimentos contra-revolucionários. Os perigos contra-revolucionários são especialmente agudos a partir do momento em que a Arábia Saudita lidera uma aliança de monarcas e ditadores formando uma junta militar contando com aproximadamente 40.000 tropas de elite, apoiada por jatos e navios de guerra, isto manifesta o desejo deles em intervir em toda a região contra os levantamentos populares e finalmente esmagar a Revolução Árabe, para dessa forma retornar à antiga ordem estabelecida antes de 2011.

12. No entanto, o processo revolucionário não está acabado pelo que pode ser visto não somente na continuidade da luta popular contra Assad na Síria ou contra o general al-Sisi no Egito, mas também em novas heroicas lutas de massas tais como a vitoriosa defesa dos palestinos de Gaza contra os assassinos sionistas nos meses de julho e agosto de 2014, ou o levantamento de massa contra o regime do Iêmen no outono (hemisfério norte) de 2014, e a atual guerra de defesa nacional no próprio Iêmen contra a gangue de agressores de al-Saud.

O IMPERIALISMO E A REVOLUÇÃO ÁRABE

13. A Revolução Árabe tem sido um sério golpe para as grandes potências imperialistas, que por si mesmo explica o porquê todas essas potências trabalham para conter e esmagar essa Revolução. O imperialismo ocidental (EUA, EU, Japão) dependeu da dominação do Oriente Médio por várias décadas através de numerosas ditaduras burguesas: Ao mesmo tempo em que ocasionalmente essas potências tiveram conflitos limitados com alguns governantes (ou seja, com os vários regimes árabes em 1973 resultando no boicote do petróleo, e com Kadafi em 1986), estes regimes asseguraram as necessidades de energia ao imperialismo ocidental com vastos suprimentos de petróleo, enquanto enchia os bancos ocidentais com vastas somas de dinheiro. As grandes potências ocidentais até mesmo colaboraram muito proximamente com os denominados regimes “anti-imperialistas” como o de Assad, tanto o pai como o filho. Por exemplo, desde a primeira guerra do Líbano, a Síria nunca deu um tiro contra Israel e atualmente assegura a fronteira norte a favor do sionismo; e Assad pai até mesmo participou junto dos EUA na guerra contra o Iraque em 1991, e colaborou com o programa de tortura da CIA desde 2001. Com relação a Kadafi, seu regime foi considerado bem-vindo por Bush, Blair e Sarkozy após 2001, quando o seu regime abriu suas companhias de petróleo aos investimentos estrangeiros. E a EU dependeu das forças de repressão da Líbia em impedir os imigrantes de entrar na Europa pelo Sul, e assim como Assad, colaborou com os programas de tortura da CIA. Os imperialismos Russo e da Chinês também de maneira similar colaboraram estreitamente com várias ditaduras da região. A Rússia é o maior apoiador do regime de Assad e tem laços estreitos com o regime islamita burguês do Irã. Este último foi construído sobre os cadáveres de uma geração inteira de lutadores da liberdade que sofreram um massacre em 1990. Moscou e Pequim também estão construindo laços estreitos com o regime de al-Sisi no Egito. E a China é o principal parceiro comercial dos exportadores de petróleo do Oriente Médio.

14. Após o imperialismo ocidental reconhecer que o avanço na região dos levantamentos populares não era possível ser detido eles tentaram contê-los procurando por colaboradores entre as lideranças dos movimentos populares. No caso da guerra civil na Líbia em 2011 eles tentaram ganhar influência entre o movimento rebelde lançando ataques aéreos limitados contra as forças de Kadafi. Sob tais circunstâncias, os revolucionários tiveram que enfrentar uma guerra em duas frentes: continuar a luta pela derrubada do regime de Kadafi enquanto ao mesmo tempo se opor aos ataques aéreos da OTAN. No final, as potências imperialistas ocidentais obtiveram somente limitado sucesso, pois as massas líbias continuam a odiar os imperialistas, como exemplo, o assassinato do embaixador americano em 2012 e a expulsão das embaixadas ocidentais em 2014.

15. Com o objetivo de justificar suas intervenções militares no Oriente Médio e África, assim como seu apoio a ditaduras reacionárias, todas as potências imperialistas – desde a UE, aos US até a Rússia e China – estão fomentando o chauvinismo anti-muçulmano. A onda reacionária que se espalhou pela Europa após o ataque ao jornal racista *Charlie Hebdo* em janeiro de 2015 é somente a mais recente

campanha que começou no começo deste século. Como socialistas, nós nos opomos fortemente a tais ataques como o feito ao racista jornal Charlie Hebdo, pelo motivo de que somente serve às classes dominantes como justificativa para uma campanha histórica anti-muçulmana, também para a mobilização do exército para aumentar a repressão interna e para justificar a que a França, a UE e os EUA façam guerra no Oriente Médio e na África. O RCIT defende os imigrantes muçulmanos contra todas as formas de opressão (ou seja, contra a prática de salários diferenciados, contra a proibição do hijab-véu, contra a discriminação policial). Nós apoiamos a resistência contra a intervenção imperialista e as ocupações tais como foram feitas no Afeganistão, Iraque, síria, Mali, África Central, etc. Nós condenamos fortemente os reformistas de esquerda (tais como o ex-estalinista *Partido da Esquerda Europeia*) o qual falhou ao não se posicionar contra às guerras imperialistas e a contra as campanhas racistas contra os imigrantes muçulmanos e inclusive se juntou às reacionárias manifestações pela “unidade nacional” em 11 de janeiro na França. Ao mesmo tempo, os socialistas devem trabalhar com as massas de imigrantes na sua luta contra a discriminação. Eles devem convocar os movimentos operários a dar apoio aos imigrantes nessas lutas. Baseados em tais posições principistas internacionalistas é possível ganhar os imigrantes no sentido de afastá-los das atuais direções islamitas pequeno-burguesas e orientá-las para uma perspectiva socialista.

16. Um dos limitados ganhos da revolução democrática não terminada no mundo Árabe é o enfraquecimento do aparato da repressão centralizada nas fronteiras. Isto possibilita que muitos dos pobres ao sul cheguem aos ricos países na Europa Ocidental e América do Norte onde eles tentam encontrar as bases por uma vida decente. O crescente número de refugiados é o resultado da dominação imperialista e da super-exploração dos países semi-coloniais e das consequentes convulsões políticas, sociais e ecológicas, incluindo sangrentas guerras civis, as quais continuamente forçam milhares de pessoas a fugir de seus países natais todos os anos. A União Europeia imperialista transformou o continente em uma fortaleza configurada a condenar muitos refugiados à morte enquanto exploram aqueles que conseguiram entrar na UE como força de trabalho barata. Da mesma forma, a administração dos EUA construiu 1.125 quilômetros de muro de aço, com altura de 6,5 metros, com equipamentos de vigilância moderna ao longo de sua fronteira com o México.

17. Os socialistas se opõem vigorosamente aos controles de fronteiras e lutam pela sua abertura. As portas dos estados imperialistas, cuja riqueza é baseada na super-exploração dos povos ao sul não devem ser fechadas às mesmas pessoas que são vítimas das consequências desta super-exploração! À reacionária afirmação de que “o barco está cheio”, ou seja, de que os a UE e a América do Norte não podem suportar mais refugiados, nós respondemos: “Absurdo! Olhem aos mais ricos dos ricos: por exemplo, os trinta e cinco mais ricos cidadãos americanos possuem uma riqueza combinada de 941 bilhões de dólares. Apenas expropriem uma pequena quantidade de sua riqueza e milhões de refugiados poderão encontrar empregos e habitação.”. Nós principalmente não denunciemos as quadrilhas de contrabando de imigrantes ilegais, mas sim

os governos imperialistas. Sem o reacionário controle de fronteira da UE e dos EUA não haveria motivo para as quadrilhas traficarem pessoas! São os imperialistas que são responsáveis pelas cifras oficiais de 1.776 refugiados que morreram ou declarados desaparecidos desde o começo deste ano. Os movimentos operários, as organizações de imigrantes, e todas as organizações progressivas e democráticas nos países imperialistas devem trabalhar para destruir o regime de fronteiras e ajudar os refugiados a entrar em seus países por todos os meios possíveis.

LIÇÕES PARA A VANGUARDA REVOLUCIONÁRIA

18. Uma lição essencial da derrota preliminar da Revolução Árabe é que, para se tornar vitoriosa, os trabalhadores e camponeses devem prosseguir a revolução até o seu final, e não a encerrar no meio. Isto significa essencialmente que, a democrática, para não dizer socialista, revolução deve esmagar o velho aparato estatal o qual é dramaticamente exagerado tanto no Maghreb quanto no Mashreq. Assim como esta enorme “máquina burocrática militar” (Karl Marx) incluindo o exército, os serviços secretos, os juízes, etc. No seu centro estas forças continuam a existir, a classe dominante sempre possuirá uma arma imbatível para derrotar o povo rebelde. De fato, o topo da burocracia do aparato opressivo representa uma componente chave da burguesia árabe. Historicamente, o aparato tem se constituído como a base para o caráter autoritário bonapartista específico dos regimes políticos do mundo árabe, que se baseia na formação tardia da classe capitalista nativa no Norte de África e no Médio Oriente devido à ocupação colonial da região pelas Grandes Potências. Como resultado, quando estes países se tornaram formalmente independentes após a Segunda Guerra Mundial, o Estado burguês desempenhou um papel indispensável em impulsionar a acumulação de capital interno de cada país. Consequentemente, em vários países, regimes estatais-capitalistas - independentemente de algumas das suas políticas “progressistas” - não eram de forma alguma socialistas, ao contrário do mito disseminado por vários nacionalistas estalinistas- Ainda que, no entanto, tenham desempenhado um papel de liderança no mundo árabe (por exemplo, os regimes de Gamal Abdel Nasser no Egito, Saddam Hussein no Iraque, Bashar al-Assad na Síria, Habib Bourguiba da Tunísia, e Houari Boumediene na Argélia). Como resultado, a burocracia militar tornou-se um componente-chave da classe dominante. Mais tarde, no período das reformas neoliberais e privatizações, a casta burocrática militar transformou-se cada vez mais em diretamente capitalistas. Por exemplo, no Egito, o Exército ainda controla até 40% da economia! Assim, a fim de concluir com êxito a revolução, o aparelho estatal - e com ele a base material para o regime bonapartista-autoritário, como um sector-chave da classe capitalista - devem, como já dissemos, ser esmagado e substituído por um novo estado controlado por conselhos e pelas milícias dos trabalhadores e camponeses. Sendo assim, a utopia reformista de uma revolução pacífica é uma ilusão perigosa. A Revolução Árabe tem mais uma vez confirmada a máxima de Lenin: “A substituição do Estado burguês pelo Estado proletário é impossível sem uma revolução violenta” (*O Estado e a Revolução*, 1917).

19. Outra lição crucial nos anos recentes é que

a revolução não pode colocar um fim à pobreza e ao desemprego das massas populares, se não livrar o seu país da servidão à dominação imperialista. Infelizmente, as revoluções no mundo árabe que explodiram em 2011 deixaram intactas a propriedade privada das grandes empresas, da imprensa, etc., as quais ainda estão nas mãos dos oligarcas. Somente quando a classe operária expropriar as corporações estrangeiras e os poderosos capitalistas domésticos – os quais são estreitos aliados dos imperialistas – e puser fim à subordinação do país aos programas de austeridade sanguessugas do FMI e aos acordos de “livre comércio” com as grandes potências, somente então poderão os operários e camponeses começar a reconstruir e planejar a economia de forma que ela seja baseada nas necessidades da população.

20. Além disso, os revolucionários têm que renunciar a qualquer colaboração política com as potências imperialistas, sejam as potências Ocidentais como a UE, os EUA e o Japão ou as grandes potências do Leste como a Rússia e China- nenhuma dessas potências são amigas dos povos árabes. Pelo contrário, todas as potências almejam os recursos naturais e a mão de obra barata que possibilitam a geração de lucros extraordinários para elas mesmas. A U.E e os EUA tem sido consistentemente colaboradores com Israel e numerosas monarquias e ditaduras da região. Rússia e China são amigos íntimos do açougueiro Bashar al-Assad e da ditadura teocrática capitalista do Irã. E todas as grandes potências beijaram os pés do general al-Sisi! Os Revolucionários devem denunciar todos aqueles que chamam por uma aliança do povo árabe com uma das potências imperialistas. Tais chamados não vão levar a nada, somente vão levar à subordinação política da classe operária ao imperialismo. Nós condenamos todos que procuram alinhar as massas rebeldes com os EUA e U.E como *pró-ocidentais social-imperialistas*.

21. A Revolução Árabe também serviu como uma prova espetacular na natureza contra-revolucionária e das forças burguesas liberais e liberais de esquerda, tais como o islamismo burguês e o reformismo. A burguesia liberal, assim como os reformistas, todos apoiaram o golpe de estado do general al-Sisi no Egito, o qual resultou numa sem precedentes onda de terrorismo. Na Tunísia, estas forças contra-revolucionárias apoiaram o partido burguês Nidaa Tounes e a velha guarda de Bem Ali na luta pelo poder contra o Ennahda. Os islamismos burgueses se mostraram como guardiães leais do poder e da riqueza capitalista, assim como foi demonstrado tanto pelos governos de Mursi quanto o do Ennahda. O islamismo salafista demonstrou sua natureza reacionária nas ações do grupo Estado Islâmico e seu demente terrorismo. Somente a classe operária, em aliança com os camponeses, sob a liderança de um partido revolucionário pode liberar as massas árabes da miséria da pobreza do capitalismo e das guerras imperialistas.

22. Com o objetivo de completar com sucesso as tarefas da Revolução Árabe, ou seja, fomentar uma revolução permanente, as classes operárias nas nações árabes necessitam da liderança de um partido revolucionário na tradição de Lenin e Trotsky como parte de um Partido Socialista Mundial da Revolução. No entanto, até agora tal partido tem sido extremamente ausente em todos os países, e esta ausência é o mais importante fator nas derrotas que o proletariado árabe enfrentaram nos últimos

poucos anos. Disso se conclui que a mais importante tarefa para os revolucionários atualmente é a criação de uma organização bolchevique internacional- como precursora de tal partido mundial- com seções através do mundo, incluindo os países do mundo árabe.

23. No sentido de avançar na criação de tal organização internacional revolucionária com seções nos países árabes, militantes terão que intervir na Revolução Árabe armadas com um revolucionário programa de ação. Tal programa – baseado no método do Programa de Transição – deve apoiar os direitos democráticos para ganhos sociais, e culminar na luta pela expropriação da classe capitalista, a nacionalização das grandes empresas e dos bancos sob controle dos trabalhadores, e a formação de um governo de operários aliados com os camponeses e os pobres urbanos e baseados nas milícias e conselhos locais!

24. Os revolucionários devem combinar a luta por tal programa com sua ativa participação na base dos operários militantes e jovens lutam contra as ditaduras do tipo de Bem Ali, Mubarak, Kadafi e Saleh no passado e do tipo do general al-Sisi atuais. Independentemente de suas lideranças inadequadas, nenhuma organização pode pretender ser revolucionária, a menos que participe dos movimentos de massa em curso de luta pelos direitos democráticos e sociais. Revolucionários autênticos devem lutar de dentro das massas para avançar uma independente organização da classe operária e das massas populares, ou seja, a formação de comitês de ação e milícias populares em locais de trabalho, bairros urbanos e vilas. Ao mesmo tempo, os revolucionários devem opor-se rigorosamente a todas as tentativas por parte das potências imperialistas em intervir nestas lutas de libertação. Eles devem lutar contra as diversas lideranças pequeno-burguesas islâmicas e seculares (não religiosas) que tão frequentemente possuem influência significativa entre as massas populares, bem como contra várias forças reformistas e centristas que muitas vezes se juntam ao campo das contra-revoluções abertas, ou mesmo em vez tomar uma posição neutra sobre os lados em batalhas de vida e morte.

OS SLOGANS-CHAVES PARA A REVOLUCIONÁRIA LUTA DE CLASSES

25. Os mais importantes slogans para os atuais focos de conflito de luta de classes no Mundo Árabe são:

*** Defender o Iêmen contra a gangue de agressores de al-Saud!** Apoiar a resistência liderada pelos rebeldes Houthis enquanto, ao mesmo tempo, não dar qualquer apoio político às suas lideranças! Não ao retorno do reacionário lacaio “presidente” al-Hadi! Por um movimento de massas que unifique os trabalhadores sunitas e os xiitas e os camponeses, baseados na solidariedade e respeito por todos os grupos! Pela criação de Conselhos Populares e Milícias Armadas para defender o Iêmen contra a agressão e avançar para a Segunda Revolução! Construir um Partido independente operário revolucionário para lutar por uma liderança revolucionária nos milícias e conselhos populares de ação!

*** Defender o povo palestino contra Israel, o estado sionista de Apartheid!** Em qualquer conflito defendemos uma vitória militar da resistência palestina e pela derrota de

Israel! Por uma campanha popular de boicote Internacional dos Trabalhadores contra Israel! Nenhum apoio político para a liderança colaboracionista dos partidos palestinos de Abbas / Fatah ou para a liderança burguesa do Hamas! Pelo direito irrestrito de retorno para todos os palestinos e seus descendentes que foram expulsos pelos sionistas desde 1948! Por uma Livre e Vermelha Palestina desde o rio até o mar! Não ao reconhecimento do estado sionista defendido pelo Partido reformista da Esquerda Europeia, pelos estalinistas ou pelo CWI liderado por Peter Taaffe!

* **Abaixo a ditadura militar do general Sisi no Egito!** Apoiar as greves e protestos em massa contra a ditadura! Defender a Irmandade Muçulmana contra a repressão, mas não dar apoio político para sua liderança burguesa! Denunciar o apoio do Partido Comunista Egípcio para o regime Sisi! Que vergonha para esses pseudo-revolucionários que não condenaram o golpe de Estado em 3 de julho de 2013 e que falharam em defender os protestos em massa liderada pelos islamitas, quando milhares deles foram abatidos pelo exército!

* **Apoiar a revolução na Síria! Abaixo o regime Assad, um fantoche do imperialismo russo!** Não a qualquer intervenção do imperialismo americano e da União Europeia! Não a qualquer colaboração com os imperialistas! Apoiar os rebeldes contra o regime de Assad, mas sem dar apoio político para a pró-ocidental FSA ou para as lideranças islâmicas! Pelos conselhos populares e milícias operárias para organizar a guerra civil contra a ditadura Assad! Pelas brigadas internacionais de solidariedade! Defender o direito dos curdos à sua auto-determinação nacional!

* **Defender a insurreição popular sunita contra o exército iraquiano! Abaixo o sectarismo reacionário!** Expulsar as forças do EI-Daash (Estado Islâmico) para fora do movimento de resistência! Defender o povo curdo e o povo Yazidi contra as forças de do Estado Islâmico! Apoiar ao direito de auto-determinação do povo curdo! Por um Curdistão unido e socialista!

* **Barrar a contra-revolução da velha elite na Tunísia!** Nenhum apoio ao governo burguês pró-imperialista liderado por Nidaa Tounes ou ao burguês partido Ennahda! Não ao terrorismo salafista (Estado Islâmico) os socialistas não devem formar alianças com grupos de pequeno-burgueses nacionalistas como testemunhamos no caso *do Front Populaire pour la réalisation des objectifs de la révolution* (Frente Popular pela Realização de Objetivos da Revolução (al-Jabha)! Por um Partido dos Trabalhadores independentes com base em um programa revolucionário!

* **Derrotar o General Haftar e sua camarilha pró-imperialista na Líbia!** Lutar contra as tentativas das potências imperialistas e seus lacaios em trazer a Líbia sob seu controle e para aniquilar as conquistas da revolução democrática inacabada contra a ditadura Gaddafi! Embora atualmente o principal inimigo seja a pró-imperialista camarilha do General Haftar, os socialistas devem trabalhar pela a formação de conselhos populares e milícias que sejam independentes dos islamitas!

* **Abaixo a cruzada de Obama no Oriente Médio!** Derrotar a intervenção militar do imperialismo estadunidense e seus aliados em todos os países (Afeganistão, Iraque, Síria, Iêmen, Somália, etc.)! Ficar ao lado com a luta de resistência contra a guerra de agressão liderada pelos Estados Unidos, mesmo que seja liderada por forças islâmicas! Mas não

dar nenhum apoio político a essas lideranças! Pela luta de massas independente liderada pela classe trabalhadora contra os imperialistas e seus lacaios! Denunciar os social-democratas, os stalinistas e centristas que ora apoiam a guerra imperialista de agressão ora permanecem neutros!

* **Derrotar as guerras coloniais do imperialismo francês no Mali e na República Centro Africana!** Solidariedade com a resistência, ao mesmo tempo não dando nenhum apoio político suas lideranças islâmicas pequeno-burguesas! Denunciar a recusa do "Partido Comunista Francês-PCF" em votar no parlamento (em 2015/01/14) contra a extensão da participação da França na guerra imperialista no Iraque!

* **Pelas mobilizações de massa internacionais para derrotar a agressão dos Estados Unidos!** Pelas manifestações, greves e ações diretas nos países que participam da cruzada de Obama no Oriente Médio e em todos os outros países!

* **Barrar o racismo islamofóbico contra os imigrantes muçulmanos na Europa e na América do Norte!** Defender os muçulmanos contra os ataques racistas! Pelas unidades de auto-defesa de muçulmanos e trabalhadores não-muçulmanos e jovens para defender os locais dos imigrantes, as escolas e as mesquitas! Remover a proibição de usar o hijab ou burca!

* **França: Não à "l'unité nationale" (Unidade Nacional) com o Governo Hollande e os capitalistas!** Abaixo o Estado Policial! Não ao envio de soldados nas ruas da França! Denunciar o apoio do PCF às manifestações de "unidade nacional" no dia 11 de janeiro!

* **"Je ne suis pas Charlie" - Nós NÃO somos Charlie!** Opor-se ao terrorismo individual, como o ataque ao escritório da revista francesa Charlie Hebdo! Mas nenhuma solidariedade com o sexismo da Charlie Hebdo, nem com o seu racismo contra os muçulmanos e sua religião! O movimento dos trabalhadores deveria boicotar a distribuição de Charlie Hebdo - não transportar, não vender, e não comprar esta revista! Não à solidariedade dos partidos de esquerda (PCF, FDG, NPA, LO) para com a revista racista Charlie Hebdo!

* **Abrir as fronteiras aos refugiados!** Não às fortalezas (para barrar entrada de imigrantes) da União Europeia e dos Estados Unidos! Os movimentos de trabalhadores e todas as forças democráticas devem sabotar o regime de patrulha de fronteiras no sentido de ajuda os refugiados a entrar na Europa e na América do Norte! Por um programa público de emprego para prover os refugiados com trabalho e habitações financiada pela enorme riqueza dos super-ricos!

* **Direitos plenos e iguais para os imigrantes!** Por salários iguais aos dos nativos! Apoiar o direito dos imigrantes de usar a sua língua nativa na administração pública e nas escolas! Pelo pleno direito de votos para os imigrantes não importando qual seja o seu passaporte!

* **Por uma república de operários e camponeses e uma federação socialista do Oriente Médio!**

* **Adiante na construção de partidos operários revolucionários como parte de um novo Partido Mundial da Revolução Socialista! ■**

O Ataque Terrorista em Paris é o resultado do terror imperialista no Oriente Médio!

**Parar o belicismo da França e das outras Potências Imperialistas!
Não à Mobilização do Exército dentro da França! Defender os povos muçulmanos contra os ódios Chauvinistas e contra a Repressão Estatal!**

Declaração da Corrente Comunista Revolucionária Internacional (em inglês RCIT), 2015/11/14

1. Na sexta-feira à noite, 13 de novembro, os terroristas - muito provavelmente membros da Daesh (o denominado Estado Islâmico) - cometeu seis ataques coordenados em Paris, que mataram 128 pessoas e feriram cerca de 200 outros. A maioria das vítimas morreu no local de shows Bataclan na capital francesa durante uma apresentação de uma banda de metal rock após forças de polícia especial invadirem o salão onde os terroristas tinham tomado como reféns o público presente. Além disso, os ataques foram também realizados em três restaurantes e um centro comercial. O presidente da França, François Hollande, declarou estado de emergência e enviou 1.500 soldados adicionais, em Paris. O transporte público foi interrompido e as pessoas foram instruídas a ficar em casa.

2. A *Corrente Comunista Revolucionária Internacional* (em inglês RCIT) condena este ataque como sendo absolutamente reacionária. Não era dirigido contra um alvo militar, nem mesmo um alvo simbólico como o racista jornal Charlie Hebdo. Foi praticado diretamente contra jovens e a comum classe trabalhadora. Enviamos nossas mais sinceras condolências aos amigos e familiares das vítimas. O ataque demonstra uma vez mais o caráter particularmente reacionária das organizações salafistas-takfiri como Estado Islâmico, o que os diferencia de outros islamitas reacionários (porque organizações como o Estado Islâmico estão lutando principalmente contra os oprimidos e nossa classe operária, e não contra o imperialismo ou contra os regimes reacionários).

3. O ataque também é completamente reacionário, porque servirá para a classe dominante justificar e intensificar sua ofensiva reacionária contra os povos oprimidos do Oriente Médio, bem como em nível nacional contra a classe trabalhadora em geral e os migrantes muçulmanos em particular. O Presidente Hollande, o provocador de guerra disfarçado em social-democrata, vai usar esse ataque como pretexto para enviar ainda mais aviões e navios de guerra ao Oriente Médio para bombardear o povo sírio e o povo iraquiano. A classe dominante, liderada pela mídia de direita, vai agitar o ódio chauvinista contra a numerosa minoria muçulmana de migrantes na França, e justificar uma intensificação da já enorme repressão estatal.

4. A verdade é que a maioria de ataques recentes como estes em Paris são o resultado direto do crescente terror das Grandes Potências imperialista e de seus lacaios locais no Oriente Médio, combinado com a intensificação da opressão dos migrantes na Europa. As grandes potências - incluindo a França - já ocuparam e aterrorizaram o povo afegão por quase uma década e meia. Então, depois de ter deixado à míngua primeiro o povo iraquiano com uma

guerra cruel de sanções que durou mais de uma década após 1991, os imperialistas sumariamente destruíram seu país durante a guerra de 2003 e da ocupação que se seguiu. Atualmente, as potências ocidentais e a Rússia imperialista estão trabalhando lado a lado para bombardear e colocar em submissão a resistência na Síria e ajudar o regime do serial killer Assad. O Imperialismo francês tem sido particularmente cruel em sua ofensiva militar. Ele não só participa da ofensiva imperialista na Síria e no Iraque, como também invadiu Mali e enviou tropas para reprimir a minoria muçulmana na República Centro-Africana. Além disso, Israel imperialista está intensificando a fome e expulsão do povo palestino em Gaza e na Cisjordânia. Enquanto no Iêmen, o bando reacionário de Al-Saud e seus aliados locais - apoiado pelas grandes potências ocidentais - estão travando uma guerra viciosa da agressão contra o povo do Iêmen. Além disso, a França e o imperialismo ocidental não tiveram nenhum problema com a Rússia durante massacre de até 200 mil pessoas do heroico povo da Chechena.

5. A combinação de implacável terror imperialista estatal e das atuais ditaduras arqui-reacionária aliadas com uma ou mais das grandes potências resultaram em uma onda sem precedentes de terror contra as massas populares no Oriente Médio. O regime de Assad - um aliado-chave da Rússia imperialista e um colaborador de longa data do imperialismo ocidental - por si só é responsável por pelo menos 300 mil mortos na Síria. Pelo menos 450 mil iraquianos morreram como consequência da guerra dos EUA e sua posterior ocupação desse país. A maioria do povo palestino é forçado a viver como refugiados e/ou sob o terror da máquina de guerra sionista (Estado de Israel). Os imperialistas criaram um regime de terror patrocinado pelo estado em todo o Oriente Médio, e o terror, em consequência, volta na cara dos imperialistas como um resultado direto do terror de Estado muito mais violento. Portanto, não será nenhuma surpresa se ataques terroristas semelhantes, como o mais recente em Paris tiver lugar em outros países imperialistas também.

6. O Estado Islâmico (Daesh / EI) é um produto de anos e anos de agressão imperialista. O fracasso de várias lideranças pequeno-burguesas nacionalistas e islâmicas resultou na criação de uma organização tão desprezível e reacionária. No entanto, repetimos, não é tarefa dos imperialismos combaterem o Estado Islâmico, não só porque ele só vai fortalecê-los, mas porque as massas do povo sunitas no Oriente Médio tiveram de aprender nos últimos anos que, na prática, o domínio imperialista significa terror aberto contra eles. Os EUA, a França e a Rússia estão cinicamente usando essa guerra contra Estado Islâmico como um pretexto para estender sua

influência e seus interesses comerciais no Oriente Médio. Não, lutar contra o Estado Islâmico-EI é a tarefa dos próprios operários e camponeses organizados em milícias populares, e apenas as forças do progresso podem ser vitoriosas e alcançar o interesse da nossa classe.

7. O RCIT enfatiza, mais uma vez, que a atual tarefa dos socialistas é opor-se às mobilizações pró-imperialistas - tanto internamente como no exterior - da França, assim como das outras grandes potências. Os socialistas não devem participar nas mobilizações patrióticas, pró-imperialistas de que o governo Hollande certamente será agora organizador. Em vez disso, deveriam-se organizar manifestações de rua independentes que condenem o ataque terrorista e ao mesmo tempo contra a política racista e militarista do governo Hollande.

8. Os socialistas devem defender os imigrantes muçulmanos e mobilizar contra a guerra imperialista do governo Hollande, assim como os dos EUA, do Reino Unido, de Israel e da Rússia. Socialistas devem indicar claramente que o inimigo principal não são os jihadistas reacionários, mas o governo Hollande e as grandes potências. Eles são responsáveis pela morte de mais pessoas, e carregam em suas costas muitos crimes e mais malignos. É urgente que os socialistas façam um esforço sério para ganhar o movimento dos trabalhadores ao longo de uma campanha resoluta em solidariedade com as lutas de libertação no Oriente Médio, bem como com os refugiados, e contra a guerra imperialista. Obviamente, essa campanha tem de incluir uma denúncia afiada contra todas as forças reformistas e centristas que não tomam uma

posição anti-imperialista e internacionalista consistente.

9. Por fim, salientamos a necessidade da construção de novos partidos revolucionários - na França e em todo o mundo. Somente esses partidos podem fornecer a liderança revolucionária como a única alternativa aos islamitas reacionários, assim como alternativa aos reformistas. Sem esses partidos revolucionários estando unidos em uma única, nova Internacional revolucionária, a classe trabalhadora na França e os povos oprimidos do Oriente Médio não podem esperar ter sucesso na luta eficaz contra seus inimigos. Somente tais partidos - como parte da Quinta Internacional dos Trabalhadores - podem lutar por um programa consistente de igualdade para os imigrantes e para a derrota do imperialismo no Oriente Médio. Apenas um partido mundial revolucionário pode ter sucesso na luta pela revolução socialista internacional.

Morte ao imperialismo! Abaixo Estado Islâmico-EI! Vingardos assassinatos lutando contra o imperialismo e todas as suas formas de opressão!

Secretariado Internacional da RCIT

Sobre nossas posições com relação ao ataque à Charlie Hebdo em Janeiro de 2015 veja:

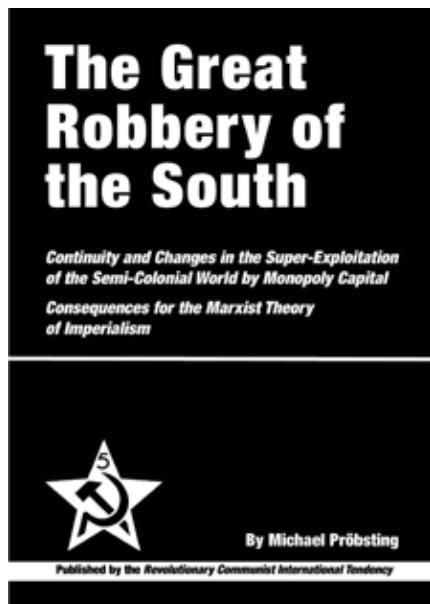
<http://www.thecommunists.net/home/portugu%C3%AAs/paris-attacks/>

<http://www.thecommunists.net/worldwide/europe/french-pc-iraq-war/> (em inglês)

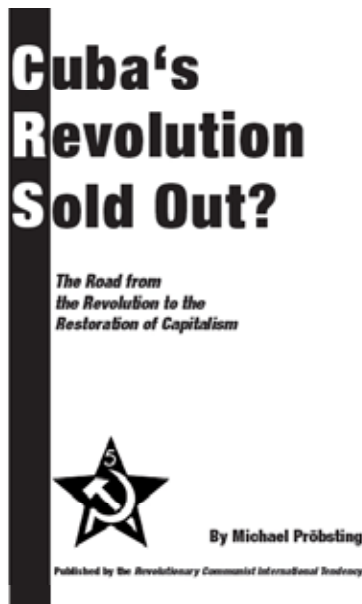
<http://www.thecommunists.net/home/portugu%C3%AAs/racist-charlie-hebdo/> ■

Novas publicações do CCRI / RCIT

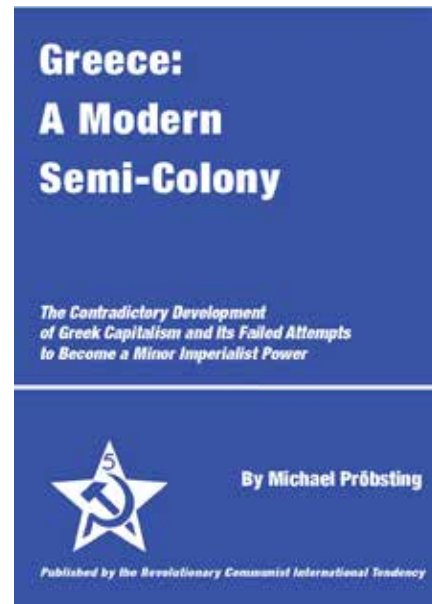
O Grande Roubo do Sul



A Revolução Cubana Vendida?



Grécia - A semi-colónia moderna



Abrir os Portões da Europa aos Refugiados!

Longa Vida à Solidariedade Internacional dos Trabalhadores e dos Pobres! Abaixo a Fortaleza da União Europeia-EU! Avançar a Revolução Árabe para Construir Repúblicas de Trabalhadores e Camponeses!

Declaração da Corrente Comunista Revolucionária Internacional-CCRI (em inglês RCIT), 15.9.2015

1. Atualmente milhares de refugiados - muitos provenientes da Síria- estão tentando alcançar a União Europeia. Na última semana dezenas de milhares atravessaram a fronteira. Contra forte campanha das classes dirigentes na EU, esta migração provocou uma espontânea onda de solidariedade entre enormes setores da classe trabalhadora e da juventude europeia, especialmente entre muitos imigrantes já residindo na EU. Esta mostra de solidariedade por sua vez forçou os governos da EU e de muitos da imprensa a temporariamente mudarem sua abordagem sobre o tema, permitindo muitos refugiados a entrar na EU. Os verdadeiros socialistas devem, com certeza, dar boas-vindas a esta espontânea solidariedade da classe trabalhadora. No entanto, no dia 13 de setembro os governos de Áustria e Alemanha repentinamente fizeram uma guinada de 180 graus e fecharam as fronteiras. A tarefa central agora é não somente ajudar estes refugiados, mas também criar um movimento organizado baseado na classe trabalhadora, nas comunidades de imigrantes e com os refugiados no sentido de estreitar solidariedade contra a inevitável reação da classe dominante.

2. Por um longo tempo a EU fez de tudo em seu poder para bloquear a entrada dos refugiados- fugindo da guerra e devastação em suas terras nativas- de entrar na Europa. Eles adotaram várias medidas para reforçar a fortaleza incluindo, montar controles internos, aumentando o efetivo de guardas de fronteiras, construindo um muro nas fronteiras de Hungria e Servia, expandindo as forças da FRONTEX1 para impedir os refugiados de atravessar o mar mediterrâneo, e adotam planos que incluem operações militares nas águas territoriais da Líbia e o envio de forças terrestres ao longo da costa Líbia.

3. No entanto, a óbvia situação de milhões de refugiados, a tão flagrantemente visível tragédia que eles sofreram, tudo isso provocou uma espontânea onda de solidariedade com eles. Para dar somente alguns exemplos: na Áustria e na Alemanha centenas de pessoas vão todos os dias às principais estações de trem, assim como aos campos de refugiados, com a intenção de ajudar os refugiados recém-chegados. Quando o reacionário governo Orban da Hungria tentou bloquear a entrada de refugiados, um comboio de 200 carros foi formado e que se dirigiu à Hungria com o objetivo de auxiliar os refugiados a alcançar a Áustria. Numerosas organizações de muçulmanos estão organizando grandes quantidades de material de apoio aos refugiados. Na Islândia o governo direitista provocou uma tempestade de raiva quando anunciou que o país só poderia receber 50 (!) refugiados sírios. Em resposta, o povo islandês organizou uma campanha na qual 10 mil (!) pessoas publicamente prometeram receber uma família síria em suas casas! E isto num país com uma população de somente 330 mil pessoas! Em 31 de agosto 20 mil pessoas em Viena participaram em uma espontânea manifestação

em solidariedade aos refugiados. Em 12 de setembro manifestações de massa similares tiveram lugar em mais cidades europeias, incluindo 90 mil pessoas em Londres. Que impressionante demonstração de solidariedade que vem a demolir todos os mitos sobre “egoísmo natural” dos seres humanos! Este é um movimento de massa espontâneo o qual foi formado contra a vontade de todos os governos da EU, contra as antigas campanhas de todos os virtuais meios de comunicação burgueses de massa, e sem o apoio dos partidos “progressistas” e dos sindicatos.

4. Como resultado desta demonstração pública de solidariedade humana, os governos europeus foram forçados a temporariamente permitir aos refugiados entrar na fortaleza. Igualmente vários órgãos de imprensa burguesa mudaram o tom de suas coberturas. No entanto, não se deve ter ilusões: as classes dominantes na Europa farão de tudo em seu poder para impedir milhares de refugiados de virem à Europa e reprimirão este movimento de solidariedade. Como testemunhamos, em 13 de setembro o governo alemão fechou suas fronteiras, e o governo austríaco rápido seguiu o exemplo. Os governos polonês e eslovaco anunciaram que somente receberão refugiados cristãos da síria- um país onde aproximadamente toda a população é muçulmana! Forças fascistas no leste da Alemanha estão atacando as residências dos que buscam asilo. Nenhuma dúvida, podemos esperar mais cedo ou tarde que a imprensa vai mostrar histórias sobre “terroristas do Estado Islâmico escondidos entre os refugiados” com o objetivo de trazer “morte e horror à Europa”. Nós já testemunhamos em anos recentes uma enorme campanha racista da imprensa- direcionada em especial contra os imigrantes. Esses incitamentos resultaram não somente em ataques diários contra imigrantes muçulmanos como também na formação de movimentos de massa racistas como o PEGIDA na Alemanha; tais campanhas também deram crescimento a aprovações de leis dirigidas contra os muçulmanos, por exemplo: O tornar fora-da-lei as formas específicas de vestimentas de mulheres muçulmanas; a proibição de manifestações pró-palestinas na França durante a última guerra da Faixa de Gaza; uma lei recentemente aprovada pelo governo da Áustria que discrimina os muçulmanos relative a outras comunidades religiosas, etc. Nós temos razão em acreditar que a classe dominante e os direitistas de extrema-direita intensificarão tais campanhas no futuro próximo.

5. Além disso, as classes dominantes na EU usarão a crise dos refugiados como um pretexto para intensificar suas guerras no Oriente Médio. Os EUA, a Bretanha e a França lançaram uma campanha militar contra os rebeldes no Iraque e na Síria. Eles alegam que a crise dos refugiados sírios é principalmente devido ao terror do Daesh (o denominado “Estado Islâmico”). No entanto,

enquanto o Daesh é com certeza é sanguinário, reacionário salafit-takfiri outfit, não há dúvida que muitas das mortes e o surgimento de refugiados na Síria foi causado pelos horrendos e indiscriminados massacres e bombardeios aéreos do exército de Bashar-al-Assad! Milhões de sírios foram forçados a fugir do seu país muito antes do que o Daesh foi fundado em 2013! De fato, parece que os imperialistas ocidentais usarão a atual crise de migração como um pretexto para reconciliar com o brutal regime de Bashar al-Assad, poucos anos após tê-lo muito criticado. Esta cínica mudança enfatiza ainda mais em como os imperialistas ocidentais são de fato aqui-inimigos dos povos árabes e muçulmanos!

6. Qual é a razão para o aumento atual de refugiados para chegar à Europa? Simplesmente é que as guerras em curso, a opressão por regimes ditatoriais e a miséria social no Oriente Médio e África continuaram por anos e anos, sem um fim à vista. Centenas de milhares de sírios foram massacrados durante os últimos quatro anos - a maioria delas pelas forças do regime de Assad, um aliado próximo da Rússia imperialista, mas que também colaborou várias vezes com o imperialismo estadunidense (por exemplo, a participação da Síria na guerra contra o Iraque em 1991, a sua conivência com o programa de tortura da CIA, etc.). O povo do Egito vive diariamente em horror em face da brutal ditadura militar do general Sisi - o mesmo Egito é um amigo próximo de ambas as grandes potências do ocidente assim como das grandes potências orientais. A guerra devastadora das monarquias do Golfo pró-ocidentais (com o apoio do general Sisi) no Iêmen já causou 1,5 milhões de refugiados. O Aumento da miséria econômica, resultado direto do alongamento crise mundial do capitalismo, a insaciável "monopolização das terras" por corporações estrangeiras em países do Terceiro Mundo, e os bárbaros programas de austeridade impostos pelo FMI em muitos países árabes e africanos estão cobrando o seu preço, forçando mais e mais pessoas a fugir de suas terras nativas.

7. Até agora, a maioria dos refugiados se mantém em países na vizinhança dos países dos quais fugiram. Turquia, um país de 77 milhões de pessoas, é o lar de 800 mil refugiados. No Irã, um país de 78 milhões de pessoas, há 1 milhão de refugiados. Líbano, um país de somente 4,4 milhões de pessoas é o lar de 1,1 milhão de refugiados. Mas estes relativamente pobres países não conseguem receber mais refugiados. Eis porque, de agora em diante, muito mais refugiados tentarão alcançar a Europa.

8. Os socialistas na Europa devem participar ativamente nos movimentos espontâneos de solidariedade com os refugiados os quais temos testemunhado nas últimas semanas, mas também devem tentar transformar esses movimentos em um movimento de massa organizado dos trabalhadores, dos jovens, dos migrantes e dos refugiados. Contra as mentiras de que "a Europa não pode receber os refugiados" os socialistas devem explicar que as potências imperialistas são as primeiras responsáveis pela desgraça nesses países. Esse sofrimento foi criado pelas corporações europeias (e outras imperialistas), seus bancos, suas instituições financeiras, suas guerras no Afeganistão e Iraque, e a brutalidade dos seus aliados e fantoches nestes países.

9. Da mesma forma, os socialistas na Europa devem combinar seu apoio aos refugiados com ativa

solidariedade pelas lutas de liberação dos trabalhadores e dos pobres no Zagreb e no Mashreq (respectivamente Norte de África e Oriente Médio). Eles devem organizar solidariedade prática com as lutas populares na Síria contra o sanguinário ditador Bashar al-Assad, no Egito contra o regime militar do general al-Sisi, na Líbia contra o "governo" fantoche do general Haftar, e no Iêmen contra a agressão estrangeira da gangue de al-Saud. Esta solidariedade prática deve vir junto com uma perspectiva socialista de avançar a Revolução Árabe com o objetivo de expropriar os monopólios imperialistas e domésticos, derrubar as corruptas elites locais, e criar repúblicas de trabalhadores e camponeses.

10. Além disso, os socialistas devem claramente denunciar a vergonha que a Europa- com uma população de 500 milhões de pessoas - pode somente receber 1,6 milhão de refugiados, apesar de ser muito mais rica que outros países como a Turquia, Líbano ou Irã. De fato, atualmente existem mais de 11 milhões de residências vazias na Europa. Isto é suficiente para dar lugar a todos os sem-teto na Europa e ainda deixar apartamentos suficientes para acomodar pelo menos 7 milhões de refugiados! Mas os governos capitalistas não abrirão as fronteiras da Europa, porque o seu sistema é para os ricos, não para os pobres. Não existe falta de riqueza na Europa. É só lembrar que os 80 mais ricos do mundo- entre eles 16 europeus ocidentais- possuem a mesma quantidade de riqueza de 3.6 bilhão de pessoas mais pobres do mundo. Quantas pessoas poderiam viver em segurança se nós expropriássemos este pequeno grupo de parasitas super-ricos! Contra a oposição social-imperialista da burocracia trabalhista e dos vários reformistas centristas, os socialistas devem levantar a bandeira "Abram as Fronteiras aos Refugiados!".

11. Os problemas alegados sobre encontrar acomodação para os refugiados demonstram mais uma vez a falência do sistema capitalista. Isso não pode ser de outro modo num sistema em que as empresas são propriedade privada de poucos oligarcas e a produção não serve às necessidades das pessoas, mas aos lucros de uma pequena minoria e privilegiada. Isto demonstra mais uma vez a urgente necessidade de uma revolução da classe trabalhadora com o objetivo de transferir a economia sob controle dos capitalistas para a sociedade como um todo e para planejar a produção de acordo com as necessidades de toda a população.

12. A tarefa mais crucial para os socialistas na Europa, mais do que simplesmente ajudar os refugiados a entrar e ficar lá, é criar um movimento organizado baseado na classe trabalhadora, nas comunidades de migrantes e dos refugiados. Os socialistas devem pressionar as organizações dos movimentos operários, em especial os sindicatos, com o objetivo de mobilizar o apoio aos refugiados. Os movimentos operários devem chamar por um programa de aumento de impostos e da expropriação sobre os parasitas super-ricos para financiar os programas de trabalhos públicos. Devem também ser estabelecidos comitês de ação nos locais de trabalho, nos bairros e nas escolas para organizar o apoio aos refugiados e resistir à inevitável revolta dos governos capitalistas e dos fascistas. Do mesmo modo, a necessidade de construir uma frente única urgente entre os movimentos operários, as comunidades de migrantes e dos refugiados.

13. A seção austríaca do RCIT participou em ações de solidariedade prática com os refugiados desde o primeiro momento da onda atual. Em sua campanha para as próximas eleições municipais em Viena (a seção de Áustria tem candidatos no maior distrito operário onde metade da população é de imigrantes), os camaradas estão levantando, entre outras bandeiras, o enunciado "Abram as Fronteiras aos Refugiados e aos Imigrantes!". Nossas camaradas formam elos de cooperação com muitas pessoas que espontaneamente participam no apoio prático ou fazem doação de roupas, brinquedos, etc, para ajudar os refugiados. O RCIT está convencido que o atual movimento de solidariedade de massa é uma enorme oportunidade para os movimentos operários na Europa para superar os profundos preconceitos da aristocracia operária contra as pessoas de países pobres ao Sul e para construir elos entre os nativos e as massas populares de imigrantes. Dar apoio a este movimento e avançar a consciência política destes ativistas e desse modo dar um importante passo para nosso objetivo de construir um partido revolucionário mundial dos trabalhadores e oprimidos.

** Pela solidariedade de massa com os refugiados!*

** Abram as Fronteiras da Europa aos Refugiados!*

** Pelos direitos dos refugiados e a imediata legalização de todos os imigrantes e solicitantes de asilo! Pelo direito de asilo para todos aqueles que estão fugindo da guerra, da opressão, e da pobreza em seus países!*

** Pelo pleno direito de cidadania e a abolição de toda lei discriminatória contra os migrantes- independente da nacionalidade, da raça, da religião! Salário igual para trabalho igual!*

** Não aos planos anti-refugiados! Abaixo com as forças da EU no mar Mediterrâneo! Defender a Líbia contra qualquer intervenção estrangeira!*

** Por comitês de ações nos locais de trabalho, nos bairros e escolas para organizar o apoio aos refugiados e se opor à reação dos governos capitalistas e dos fascistas!*

** Construir uma frente única entre os movimentos operários, os migrantes e os refugiados!*

** Lutar contra a discriminação dos refugiados (acesso igualitário à moradia e ao mercado de trabalho, etc.)! Defender os refugiados contra o aparato estatal! Venham ao auxílio dos refugiados em esconder aqueles ameaçados de deportação! Construir unidades de auto-defesa para lutar contra a brutalidade policial e os bandos racistas!*

** Por um movimento revolucionário de migrantes como parte de um novo Partido Mundial da Revolução Socialista- A Quinta Internacional dos Trabalhadores!*

Para nossas análises sobre a crise dos refugiados, nós indicamos aos nossos leitores (em inglês):

RCIT: Europe / North Africa: Storm the Gates of Rome! Open Borders for Refugees! Stop the Imperialist EU-War against Refugees! No to the Preparations for an Imperialist Aggression against Libya! 22.5.2015,

<http://www.thecommunists.net/worldwide/europe/eu-war-against-refugees/>

Veja as fotos de ação de solidariedade da seção de Áustria do RCIT abaixo:

<http://www.rkob.net/wien-wahl-2015/fluechtlingen-helfen/>

1- A Frontex, oficialmente Agência Europeia de Gestão da Cooperação Operacional nas Fronteiras Externas dos Estados-Membros da União Europeia, é um organismo da União Europeia que visa prestar assistência aos países da UE aplicação das normas comunitárias em matéria de controlos nas fronteiras externas e de reenvio de imigrantes ilegais para os seus países de origem. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Frontex> ■



Militantes da seção austríaca do RCIT na manifestação em Defesa dos Refugiados em Viena, 03/10/2015

SOMENTE A REVOLUÇÃO VAI NOS LIBERAR!

Curto programa da Corrente Comunista Revolucionária - CCR

(seção brasileira da Corrente Comunista Revolucionária Internacional - CCRI)

1. Defender os direitos democráticos- não ao golpismo! Mobilizar a classe trabalhadora e as massas populares de forma independente da Frente Popular para derrotar os golpistas nas ruas. Pela formação de comitês de ação nos locais de trabalho, nos bairros, escolas! Para organizar as lutas!!

2. Parar os ataques aos direitos da classe trabalhadora! O PT deve: Romper com os capitalistas e os imperialistas; parar os ataques contra a sua própria base de classe social! Por lutas de classe militantes contra os ataques!

3. Não ao imperialismo! Nacionalizar as companhias estrangeiras sob controle dos trabalhadores! Se posicionar contra o imperialismo americano e da união europeia assim como o imperialismo de Rússia e China! Pelo fim da participação brasileira na intervenção imperialista no Haiti!

4. Contra o racismo e a violência da polícia! Igualdade de tratamento ao povo negro assim como aos povos indígenas, incluindo salários iguais por funções iguais! Pelos comitês de autodefesa dos trabalhadores e oprimidos contra a polícia e contra os ataques racistas.

5. Terras para os camponeses e os pobres do campo! Nacionalização de todas as terras hoje nas mãos de companhias estrangeiras, assim como as terras dos grandes latifundiários.

6. Empregos e habitação digna para todos os moradores das favelas! As residências e prédios desocupados dos ricos entregues aos sem-teto e os pobres! Por um programa público de empregos para construir residências adequadas para todos e para reduzir o desemprego, assim como construir escolas, hospitais, casas de refúgio e todas as instituições similares, etc.! Tal programa deve ser financiado pelo aumento dos impostos aos ricos! Pela expropriação dos super-ricos!

7. Pela libertação da mulher! Parar a violência contra a mulher! Construir creches para todos! Também reduzir o desemprego para elas! Por um movimento revolucionário das mulheres pobres e trabalhadoras! Contra a discriminação dos jovens e dos homossexuais. Defender direitos para todos os possuidores de necessidades especiais. Direitos iguais para todas as religiões (incluindo as de origem africanas), nós respeitamos todas as crenças, portanto nenhuma intolerância religiosa. Pela separação das igrejas com relação ao estado.

8. Parar a destruição do meio ambiente causada pelo capitalismo. Mudar a forma de geração de energia danosa ao meio ambiente pelas energias limpas e renováveis sob controle dos trabalhadores.

9. Solidariedade com a luta mundial dos oprimidos! Defender os negros e os latinos contra os ataques racistas da polícia nos Estados Unidos! Solidariedade com a luta dos trabalhadores e dos pobres em toda a América Latina! Vitória para a Revolução Árabe! Apoiar a luta contra a opressiva, pró-imperialista ditadura militar no Egito! Vitória para a Revolução na Síria tanto contra Assad como

contra o Estado Islâmico! Parar os ataques imperialistas e as ocupações no Afeganistão, Iraque, Mali, África-Central ou Chechênia! Abaixo com o estado de Israel praticante do Apartheid, por uma livre e vermelha palestina!

10. Defender a Venezuela contra o imperialismo, mas nenhum apoio político ao governo capitalista bolivariano. Parar a restauração capitalista em Cuba! Solidariedade com a luta contra a austeridade na Grécia e em todo o mundo!

11. Pela nacionalização dos bancos e das corporações sob controle dos trabalhadores! Por um Brasil onde os trabalhadores, os camponeses e os pobres tenham realmente o poder. Por um governo baseado nos comitês de ação de massa e auto-defesa para derrubar o capitalismo e romper com o imperialismo! Por isso precisamos de uma revolução socialista! Pela formação de uma federação de repúblicas de trabalhadores e camponeses na América Latina.

12. O CCR está dedicado a construir uma organização realmente revolucionária para lutar pelos direitos dos trabalhadores e dos pobres! Para isso é necessário apoiar a formação da Corrente Comunista Revolucionária Internacional - CCRI (em inglês RCIT) como uma organização revolucionária em âmbito Internacional. Por uma Quinta internacional dos trabalhadores (O Partido Mundial da Revolução socialista).



O que o RCIT defende

A *Corrente Comunista Revolucionária Internacional* (RCIT) é uma organização de combate revolucionário lutando pela libertação da classe operária e de todos os oprimidos. Temos seções nacionais em vários países. A classe trabalhadora é composta por todos aqueles (e suas famílias), que são forçados a vender sua força de trabalho como assalariados para os capitalistas. O RCIT se mantém na teoria e prática do movimento operário revolucionário associado com os nomes de Marx, Engels, Lenine e Trotsky.

O capitalismo põe em perigo nossas vidas e o futuro da humanidade. O desemprego, as guerras, os desastres ambientais, a fome e a exploração são toda parte da vida cotidiana sob o capitalismo, assim como são a opressão imperialista das nações, a opressão nacional dos migrantes, e a opressão das mulheres, dos jovens e dos homossexuais. Portanto, queremos eliminar o capitalismo.

A libertação da classe operária e de todos os oprimidos só é possível em uma sociedade sem classes, sem exploração e sem opressão. Tal sociedade só pode ser estabelecida internacionalmente.

Portanto, o RCIT luta por uma revolução socialista âmbito nacional e em âmbito Internacional, ou seja, em todo o mundo.

Esta revolução deve ser realizada e levada a cabo pela classe trabalhadora, pois só essa classe tem o poder coletivo para derrubar a classe dominante e construir uma sociedade socialista.

A revolução não pode ser conquistada pacificamente porque a classe dominante não tem, nem nunca vai entregar voluntariamente o seu poder. Por necessidade, portanto, o caminho para a libertação inclui rebelião armada da classe operária e de todos os oprimidos é a guerra civil contra os capitalistas.

ORCIT segue lutando pelo estabelecimento de repúblicas de trabalhadores e camponeses, onde os oprimidos se organizem em conselhos democraticamente eleitos em comitês de trabalhadores de base nas fábricas, nos bairros e nas escolas. Esses conselhos, por sua vez, elegem e controlam o governo e todas as outras autoridades estaduais, e sempre mantém o direito de removê-las.

O autêntico socialismo e comunismo não tem nada a ver com o chamado "socialismo" que governou na União Soviética, Europa Oriental, China e Cuba. Nesses países, o proletariado foi dominado e oprimido por uma burocracia privilegiada do partido.

Sob o capitalismo, o RCIT apoia todos os esforços para melhorar as condições de vida dos trabalhadores e oprimidos, ao mesmo tempo que se esforça para derrubar esse sistema que é baseado na exploração econômica das massas.

Para estes fins, trabalhamos a partir de dentro dos sindicatos, onde defendemos a luta de classes, o socialismo e democracia dos trabalhadores. Mas os sindicatos e a social-democracia são controlados por uma burocracia perniciosamente ligada com o estado e com o capital do estado, através de empregos com altos salários e outros privilégios. Assim, a burocracia sindical está longe de representar os interesses e as condições de vida de seus

membros, estando como está, no topo, como camadas privilegiadas da classe trabalhadora - a aristocracia operária não tem verdadeiro interesse em substituir o capitalismo. Portanto, a verdadeira luta pela libertação da classe operária, pela derrubada do capitalismo e estabelecer o socialismo, deve basear-se na grande massa do proletariado, em vez de seu "representante" dos estratos superiores da burocracia sindical.

Nós também lutar pela expropriação dos grandes proprietários de terras, bem como pela nacionalização da terra e sua distribuição aos camponeses pobres e sem-terra. Para atingir este objetivo lutamos pela organização independente dos trabalhadores rurais.

Nós apoiamos os movimentos de libertação nacional contra a opressão. Também apoiamos as lutas anti-imperialistas dos povos oprimidos contra as grandes potências. Dentro desses movimentos defendemos uma liderança revolucionária como uma alternativa para as forças nacionalistas ou reformistas.

Enquanto o RCIT esforça-se pela unidade de ação com outras organizações, estamos conscientes de que as políticas dos social-democratas e dos grupos pseudo-revolucionários são perigosas, e, finalmente, representam um obstáculo à emancipação da classe operária, dos camponeses, e de outros oprimidos.

Em guerras entre estados imperialistas tomamos uma posição derrotista revolucionária: não apoiamos ambos os lados, mas defendemos a transformação da guerra em uma guerra civil contra a classe dominante em cada um dos estados nacionais em guerra. Em guerras entre potências imperialistas (ou seus fantoches) contra os países semicoloniais defendemos a derrota dos primeiros pela vitória dos países oprimidos.

Como comunistas, nós afirmamos que a luta contra a opressão nacional e contra todos os tipos de opressão social (contra mulheres, jovens, minorias sexuais etc.) deve ser conduzida pela classe trabalhadora, porque só esta última é capaz de fomentar uma mudança revolucionária na sociedade. Portanto, estamos constantemente trabalhando apoiar movimentos revolucionários baseados na classe dos socialmente oprimidos, embora nós no opomos à liderança das forças pequeno-burguesas (feminismo, nacionalismo, islamismo, etc.), que, em última análise dançam a música dos capitalistas, e nos esforçamos para substituí-los por uma liderança comunista revolucionária.

Apenas com um partido revolucionário lutando como liderança da classe trabalhadora pode ser vitorioso em sua luta pela libertação. O estabelecimento de um tal partido e a execução de uma revolução bem-sucedida, como foi demonstrado pelos bolcheviques na Rússia sob Lênin e Trotsky continuam a ser os modelos para partidos revolucionários e revoluções no século 21.

Por um novo e revolucionário Partido de Trabalhadores em todos os países! Por uma 5ª Internacional dos Trabalhadores a ser fundada com um programa revolucionário! Junte-se à RCIT!

Não há futuro, sem o socialismo! Sem o socialismo, não há revolução! Não há revolução sem um partido revolucionário!

